







Memorias de Martha

OBRAS DA AUCTORA

CONTOS INFANTIS (em collaboração com *Adelina A. Lopes Vieira*) — contos em prosa e verso adoptados para uso das escolas primarias do Districto Federal e dos Estados de S. Paulo, Minas, Rio de Janeiro, Paraná e Pará. 4. edição, 1 volume.

TRAÇOS E ILLUMINURAS — contos, 1 volume.

A FAMILIA MEDEIROS — romance de costumes paulistas. 2. edição (exgottada).

LIVRO DAS NOIVAS — noções praticas da vida domestica ; tres edições de luxo, com gravuras.

A VIUVA SIMÕES — romance, editado pela casa de Antonio Maria Pereira, de Lisboa.



Julia Lopes de Almeida



Memórias ❁

❁ de Martha

(Narrativa)



1899

Casa Durski — Editora
Sorocaba.



I

Tenho uma ideia vaga da casa em que nasci e onde morei até aos cinco annos. Um ou outro canto ficou desenhado em meu espirito; quasi tudo, porém, se perde num esboço confuso.

Assim as scenas. Entre tantas cousas, tantos typos e tantas palavras que se reflectiram nas minhas pupilas de criança, ou que vibraram em meus ouvidos, que ficou?

Bem pouco!

Lembro-me, por exemplo, de um angulo de quintal, onde havia um banco toscos e um tanquesinho redondo que servia de bebedoiro ás gallinhas. Era alli que eu lavava as roupas das bonecas. Lembro-me tambem do papeldasalinha

de jantar, cheio de chins e de kiosques; de um vão de janella, onde se armava o presepio, pelo Natal.

Os quartos, os moveis, os criados, de tudo isso me recordo ás vezes, mas numa fugacidade tal, que não me fica a sensação da saudade, mas a da duvida.

Das scenas lembra-me a da mudança: um homem zangado mandando pôr os nossos trastes na rua, e minha mãe chorosa aconchegando-me a si uma vez em que entrei numa alcova onde estava um homem morto, muito magro, livido, estirado sobre a cama, com um habito escuro de cordões brancos, as mãos entrelaçadas e o queixo amarrado com um lenço. Era meu pae. Tive medo; minha mãe obrigou-me a beijal-o. O frio e o cheiro do cadaver deram-me nauseas; quiz sahir, ella prendeu-me nos seus braços nervosos, suppuz então que me quizesse fechar com o defuncto no mesmo caixão que alli estava já escancarado, e fugi em um arranco para o quintal.

Nunca a luz me pareceu tão forte nem o ar livre tão bom.

Com as costas unidas ao muro, os olhos seccos de espanto, suffocando as palpitações do meu coração, como se a bulha delle bastasse para chamar sobre mim a attenção da gente de casa, fiquei muda, sentindo por todo o corpo a frialdade daquelle cadaver, com a sensação de que me iriam buscar para me embrulharem na sua roupa de espectro, larga, escura, cortada pelos traços longos dos dois cordões brancos.

Na morte, não era o pavor da cova negra o que me assustava mais, era a presença do Pae do Ceu, de que me fallavam a todo o instante, como uma punição para as minhas travessuras e um premio para virtudes que eu não conhecia e me pareciam de assombro!

Effectivamente, que ouvia eu desde manhã até á noite?

“ Menina, não faça assim que Deus castiga. „

Por isso eu tremia toda, pensando que me queriam levar com meu pae para a presença desse Deus tremendo, inflexivel, tão alto que se não

pudesse curvar até ás minhas faces lacrimosas, para um beijo de perdão ou de piedade.

Já o corpo do finado ia nos solavancos do carro rua fóra, quando minha mãe foi buscar-me; vendo-a, gritei com força que me deixasse, que me deixasse! e debati-me entre os seus braços frageis. Ella convenceu-me a custo de que me queria na vida para a consolação dos seus dias negros.

Entrei em casa desconfiada.

Da morte de meu pae, eis a medonha sensação que me ficou.

Amei-o? Talvez; mas não me lembro. A convivencia era pouca ou nenhuma.

Elle passava a vida em viagens de trabalho, agenciando negocios: eu agarrada ás saias de minha mãe e de uma velha mulata religiosissima, e que toda se desmamchava em contar-me historias de santos, milagres, tormentas, mysterios, obras divinas e enormes peccados que me faziam tremer!

Não posso acompanhar o movimento de transição da nossa vida, desse tempo para o

outro, em que habitamos um cortiço de São Christovão

Ahi já minha mãe não tinha criados, nem mesmo a velhinha que nos acompanhava outr'ora, e que partiu não sei para onde, nem com quem. Lembro-me de que viviamos nós duas sós; minha mãe engommando para fóra, desde manhã até á noite, sem resignação, arrancando suspiros do peito magro, mostrando continuamente as queimaduras das mãos e a aspereza da pelle dos braços estragada pelo sabão.

Cresci vagarosamente, como se me não bastasse para o desenvolvimento o espaço estreito d'aquella alcova, em que, de verão e de inverno, minha mãe trabalhava, vestida com o pobre traje de viuva, já velho e russo, mal arranjado em seu corpo de tísica, muito delgado

Eu, ás vezes, ia brincar para a porta com umas crianças da vizinhança: mas as pequenas eram brutinhas e inagoavam-me os pulsos, puxando com força por mim. Eu cahia, chorava alto, minha mãe corria a socorrer-me e

levava-me ao collo para dentro. Sentia-lhe a respiração offegante, as mãos muito quentes e os beijos seccos, queimados, que ella unia ás minhas faces em beijos longos e sentidos.

— Vês? dizia-me ella, com voz enfraquecida e rouca, arranhaste os joelhos . Deixa-me ver as mãosinhas estão esfoladas tambem! E molhava-m'as cuidadosamente, como se eu tivesse doença de perigo ou dolorosa, com todo o mimo e desvelo.

Voltava depois ao trabalho; arregaçava as mangas e dava-me uma bruxa de panno e uns retalhos, para que eu me entretivesse a fazer-lhe vestidos. Vendo-me socegada, punha-se a passar e repassar o ferro, muito pesado, ao longo da tabua, assente de um lado no peitoril da janella e do outro nas costas de uma cadeira forte e rustica.

Eu alinhavava uns corpos, uns aventaes impossiveis, e acabava por adormecer. Quando abria os olhos via-me cercada de cousas que não vira pouco antes a meu lado: uma manta a cobrir-me os joelhos, a cabeça sobre o travesseiro, e, para que me não importunassem

as moscas, um quadrado de escossia transparente a tapar-me o rosto

Os dias succediam-se sem que se notasse a menor alteração em nossa vida.

Levantava-me tarde. Minha mãe deixava-me agazalhada no leito e ia trabalhar silenciosamente.

Nosso almoço era café e pão: café sem leite, muito fraco. O meu quinhão era sempre o maior. Findo o almoço, ia eu, como na véspera, para a porta, attrahida pelos gritos alegres das crianças e d'alli voltava chorosa, opprimida pela superioridade das outras, muito mais fortes do que eu.

Chamavam-me lêsma! molle! palerma! e riam-se das minhas quedas, da minha magreza e da minha timidez. Eu em começo extranhava aquella moradia, com tanta gente, tanto barulho, num corredor tão comprido e infecto onde o ar entrava contrafeito, e a agua das barrellas se empoçava entre as pedras deseguaes da calçada.

Minha mãe não permittia que eu me desembaraçasse como as outras; tinha sempre

os olhos em mim, eu sentia-os ás vezes como brasas, a queimarem-me a pelle.

Se eu me desviava um pouco ella gritava logo :

— Martha, vem cá !

E eu voltava submissa.

No tempo das chuvas, a reclusão que me era imposta dava ainda um tom mais lugubre á minha solitaria infancia.

Fui sempre medrosa e docil.

Minha mãe levava-me poucas vezes consigo, quando saía a entregar a roupa á casa dos freguezes ; deixava-me quasi sempre com uma vizinha, uma ilhóa bruta, que batia nos filhos e injuriava o marido.

Uma occasião, assisti a uma scena que não me sairá nunca da memoria.

A Carolina, filha mais velha da ilhóa, era compassiva e bondosa. Ha flores nos pantanos, e reflectem-se muitas vezes na lama os raios das estrellas. Eu gostava d'ella, que era como que uma aza a proteger-me das maldades dos irmãos mais novos. Nesse dia ella notou que eu tinha fome: è que já haviam passado quatro horas

sobre o meu pobre almoço de café fraco e pão secco. Eu tinha apenas sete annos e nessa idade o appetite não dorme; pois bem, a Carolina, condoida, deu-me um bocado de carne com farinha, dizendo-me ao mesmo tempo umas cousas consoladoras e meigas. Eu devorava verdadeiramente aquelle acepipe raro quando a ilhã chegou.

Vendo-me, perguntou admirada:

— Quem te deu isso?

Eu tinha a bocca cheia e não pude responder logo.

A Carolina disse sem titubear, com toda a sua costumada serenidade, que tinha sido ella

A mãe enfureceu-se e fechando apertadamente as mãos, deu-lhe, com toda a rizeja de seus pulsos de ferro, uma meia duzia de soccos que a deitaram por terra.

A Carolina affirmava que o quinhão que me dera era o seu, só o seu, que ella não tinha vontade de jantar

— Não me importa, continuava a enraivecida mulher, bato-te para que saibas que

não se mexe na comida sem minha licença!

Desatei a chorar, e foi assim que minha mãe me encontrou.

Chegando a casa contei-lhe tudo; ella fez-se pallida, teve um ataque de tosse prolongado e violento; depois, ainda anhelante de cansaço, procurou aquietar-me, promettendo que não me deixaria mais, e iria entregar a roupa aos freguezes em minha companhia.

Assim foi. Na primeira semana saí também.

O dia estava quente e luminoso. Eu sentia o calor das pedras da calçada e das paredes das casas onde ia roçando as mãos.

Em mais de meio do caminho, minha mãe parou de repente, ao ver uma senhora muito elegante que se approximava e puxou-me para dentro de um corredor, dizendo, quasi que machinalmente: — Deixal-a passar, não quero que me veja assim!....

Alli estivemos alguns minutos, até que tornámos a sahir para a rua. A tal senhora sumira-se em uma esquina.

— Quem é?! perguntei eu, attonita; quem é aquella senhora tão bonita?!

— Era uma amiga minha, respondeu, apertando-me brandamente a mão, a minha pobre mãe.

— Mas então porque não lhe fallou?

Minha mãe sorriu, desceu para mim seu olhar doce e humido, e suspirou sem me dizer mais nada

A resposta tive-a annos depois, do tempo, da idade, do destino e dos desenganos.

Porque não reconhecera uma senhora rica, elegante, feliz, como uma amiga antiga, a uma mulher decaída, andrajosa quasi, e miseravel?

Havia entre as duas uma barreira que a minha pequena altura não me permittia dominar. Fui pensando nisso até á casa da fregueza.

Entrámos para uma sala de jantar quadrada, com janellas e portas para um terraço de mosaico branco e preto, em xadrez.

A dona da casa cortava uns moldes sobre a mesa, coberta de oleado escuro com ramagens

cinzentas e vermelhas. Em um canto, a filha mais velha cosia á machina um vestido de linho côr de rosa clara, guarnecido de rendas. No vão de uma janella, ao lado da moringueira envernizada, uma menina da minha idade vestia, em uma boneca de cara de louça e corpo de pellica, um traje de velludo bronzeado, prendendo-lhe nos cabellos muito louros um laço da mesma côr.

Vendo-me, sentou-se em um banco baixo e poz-se a tirar de um cofre fatos de seda, de setim e de cachemira para a sua querida boneca.

Chamou-me, fez-me sentar a seu lado, mais por vaidade que por outra cousa, e desenrolou á minha vista o grande enxoval de *Mlle. Rosa*.

Ria-se muito das minhas exclamações e movia *mademoiselle* em uns tregeitos graciosos, dizendo palavras amaveis e pretenciosas.

Depois, entasiada de brincar, fallou-me da mestra, das amigas, de uma festa de Natal a que assistira, de caixas de amendoas forradas de seda, de *bombons*, de joias, de passeios.

Levou-me á sala, mostrou-me o album, os quadros, as jardineiras; sentou-sé ao piano e tocou uma licção do methodo, tendo o cuidado de virar para cima a pedra do anel que, por largo, descahia. Conduziu-me depois para defronte do espelho, um grande espelho que vinha do tecto ao chão, tomando uma parede toda.

Como me achei triste e feia ao lado d'aquella menina da minha idade!

Ella, muito alva, corada, olhos rasgados e brilhantes de alegria e de orgulho, o vestido claro, curto, bibe branco bordado, meias pretas esticadas por cima dos joelhos. Eu, pallida, o cabello muito liso, feito em uma trança apertada, as pernas magras, as meias de algodão engilhadas, o vestido de lã côm de havana, muito comprido e esgarçado, os sapatos de duraque rotos!

Ella comprehendeu-me e demorou-se mal-dosamente a confrontar-me com altivez. Eu sentia-me humilhada e com vontade de chorar...

Em casa da ilhõa ou em casa da fregueza, cahia sobre min, com todo o peso, o horror da minha incomprehendida situação.

Voltámos para dentro; o rol estava conferido, chamavam por nós.

— Lucinda, disse então a dona da casa, para a filha mais nova, vae buscar teu vestido encarnado para o dares a esta menina... E' novo ainda, continuava ella, voltando-se para minha mãe, mas não vae bem á Lucindinha e o pae não gosta da côr...

Veu o vestido. Enfiaram-m'o mesmo por cima do outro, para m'o experimentarem.

— Parece um macaquinho! exclamava Lucinda desferindo umas risadinhas agudas, a olhar para mim.

Eu corava e tinha impetos de o arrancar do corpo. Viravam-me de costas... de frente de lado... faziam-me levantar os braços, abai-xal-os e dobral-os. Prestei-me como um autotomato, indignada sem saber porque; revoltada, mas submissa e tremula.

Quando minha mãe agradeceu a esmola, senti parar-me o coração.

Porque não teria eu igual direito a possuir tudo, como a Lucinda, sem pedir ou acceitar esmolos?

E porque me fazia tão mal essa palavra, a mim, que nada conhecia do mundo?

Não bastariam as humilhações da vespera, em casa da Carolina, e a desse dia em frente ao espelho para m'a fazer comprehendida de sobejo?

Quando eu ia a sahir, a irmã mais velha de Lucinda apagou-me com um beijo a tristeza que eu sentia na consciencia.

Aquelle beijo nunca mais me esquece: foi nivelador, foi santo!

As crianças pensam; e as impressões que sentem são as mais duraveis e profundas muitas vezes. Tenho passado por grandes tempestades e nenhuma me deixou mais vestigios do que a que abalou minha meninice, não sendo todavia essa a maior!

Törnei a ir na seguinte semana á casa da fregueza. A Lucinda não estava, fôra para o collegio. A mãe tinha separado umas roupas, já curtas e apertadas para a filha, e

deu-m'as. D'essa vez custou-me menos a receber da caridade. O primeiro passo é sempre o mais difficil em uma vereda desconhecida. Habitua-se a gente a tudo até ao perigo, até á humilhação!

Perguntaram-me se eu já sabia ler. Minha mãe respondeu que não.

— Mas porque a não mette na escola?!
Ella já tem idade de aprender...

— É que eu não podia mandar minha filha tão pobresinha para a escola... agora que tem esta roupa sim, posso trazel-a asseiadinha e leval-a lá.

— Faz bem, faz bem, disseram ameigando-me, as bondosas senhoras.

Voltei nesse dia mais alegre para a nossa tristonha alcova da estalagem de S. Christovão.

Passei a tarde toda na porta, com as crianças da vizinha; a Carolina, o Manéco e a Rita.

O Manéco tinha oito annos, era magro, orelhudo e pallido; cheirava sempre a cachaça e vivia fumando as pontas de cigarros

encontradas no chão. Era elle quem mais me affligia, e entretanto quem mais me procurava! Quando se ria mostrava as gengivas arroxadas, como se estivessem cozidas pelo alcool, e os dentes grandes, deseguaes, ainda muito novos. Era alto para a idade, mas magrissimo, com o peito fundo, e braços e as pernas molles.

A irmã mais nova tinha cinco annos, mas podia commigo ao collo, a Rita, já dona de um vasto vocabulario de insultos.

De resto bonita, morena e engraçada.

A este rancho junctava-se ás vezes um mulatinho, o Lucas, mais moço do que eu, muito sujo, e que passava a vida a mentir.

Nesse dia entrei para a roda com ar altaneiro; fallei de coisas sumptuosas, presentes, doces, vestidos, gosando do olhar de inveja e admiração dos outros.

Só a Carolina parecia não me ouvir, lavava os esfregões das panellas, com o corpo em c e os braços enterrados na agua malcheirosa da tina.



II

Dias depois entrei para a escola publica da minha freguezia.

Na vespera da entrada, participei a Carolina e ás irmãs que ia para o collegio, e no dia seguinte, logo de manhã, foram para a porta ver-me com o meu vestido encarnado, a caminho da aula.

Meu vestido encarnado! então não me pesava elle nem me queimava o corpo, como dias antes! ao contrario, fazia-me orgulhosa, superior! Olhei altivamente para minhas companheiras de miseria, sorrindo-me, como sorrira a Lucinda quando a meu lado, em frente ao espelho...

As primeiras horas foram amargas, na classe. Cheguei a chorar; sentia-me triste; no

meio de tanta gente experimentava uma sensação dolorosa de isolamento e saudade.

Acostumei-me por fim, e, depois de um mez, aquillo até me divertia.

Dediquei-me principalmente a uma menina mulata, que, mais adiantada do que eu, tinha a paciencia de ensinar-me as lições.

Ficava a meu lado; era feia, escura, marcada de bexigas, com olhos pequeninos e amortecidos, o cabello muito encaracolado e curto. Chamava-se Mathilde, teria doze annos e estava havia tres na escola; era pouco intelligente, e não passava do *Segundo livro de leitura*, por mais esforços que a professora fizesse.

Eu estimava-a muito.

Ella fazia-me repetir as letras, e eram devidos á sua condescendencia os meus pequenos triumphos. Um dia, uma condiscipula nossa fez d'ella uma denuncia horrorosa, afirmando tel-a visto roubar, por varias vezes, ora o lapis de uma, ora uma fructa ou doce do *lunch* de outras, ora dedaes, dinheiro, linhas, etc. O facto é que se sumiam ha muito

os objectos, sem que se pudesse descobrir nem mesmo suspeitar como.

Interrogada pela professora, Mathilde negou. Nós outras ouviamos em silencio, commovidas e curiosas.

Nesse dia apparecêra um par de sapatinhos de lã escarlates, feitos pela adjuncta. Revistada a caixa de Mathilde, de entre os livros ennodoados e já velhos, saíram elles, com seus lacinhos de cordão e suas borlas a bailar de um lado para outro.

Uma exclamação de espanto encheu a aula: todas as meninas, a um tempo, murmuraram: — Ah!

Mathilde não se ajoelhou, nem vacillou sequer; de pé, com a cabeça baixa, esperou a condemnação. A mestra fez-lhe um grande discurso, flechou-a de conselhos e de humilhações: pintou-lhe o quadro da desestima de suas companheiras, que só lhe apertariam a mão se a vissem rehabilitada.

Mathilde ouviu tudo sem pestanejar, depois foi de castigo para o canto da sala, em pé, exposta a todas as vistas.

Pela primeira vez, eu não soube a lição; faltara-me a pobre pequena, cuja persistencia em ensinar-me não diminuira nunca. No entanto . no entanto, eu, como todas as outras, seguindo-lhes o exemplo, voltei as costas á desgraçada mulatinha e nunca mais lhe dirigi uma unica palavra! Isolada, Mathilde tornou-se aggressiva, inaturavel, e foi de tal excesso em sua raiva e máo modo que a expulsaram do collegio. Vi-a sair, sem que me viessem as lagrimas aos olhos, a mim, que lhe devia tanto; e agora, no fim de trinta e tantos annos sinto na minha consciencia como uma grande nodoa imperecivel!

Substitui a Mathilde, na grande convivencia collegial, por Clara Sylvestre. A minha nova amiga não me ensinava as lições, mas era alegre, bonita e forte; repartia commigo o seu *lunch* e eu não a deixava um só instante. Era ella quem aparava o meu lapis, que me dava os mais lindos chromos e santinhos para os livros, quem me ageitava o cabello na hora do recreio, uma solitudine maternal. Era uma das meninas mais aleiadas

do collegio, a mais instinctivamente *coquette*. Na bolsa dos livros levava sempre um espelho pequeno e uma boceta de pó de arroz quasi do tamanho de uma noz. Eu invejava aquillo e punha-me então a descrever as meias de seda, os bibes bordados, e a pompa de *Mlle. Rosa*, inventando intimidades entre mim e a Lucinda. Uma sombra terrivel ennegrecia o olhar docemente azul de Clara Sylvestre, fitando rapidamente o seu vestidinho de chita e as meias de algodão.

Ter muito luxo era o seu sonho.

Mas aquillo passava depressa, e na sua bondade natural ella vasava no lenço das outras um pouco de agua-florida trazida num vidrinho, do lavatorio da mãe.

De Carolina e dos irmãos ranhosos não fallei nunca no collegio.

Referir-me ás filhas da vizinha fôra macular a minha reputação. No fundo de minha consciencia, porém, não se apagara a scena humilhante em que a bondosa e serena Carolina soffrera castigos por me ter dado com que matar a fome.

Minha mãe vigiava anciosa os meus progressos; fazia-me repetir muitas vezes a lição e beijava-me com alegria quando a mestra lhe dizia que eu era intelligente.

Ao fim de dois annos fiz exame com desembaraço e firmeza: ficaram attonitas as professoras, que me sabiam timida e nervosa. Foi um dia de triumpho para mim, que nunca me vira tão bonita, com o cabello crespo a papelotes, o vestido branco transparente e a fita azul do uniforme a tiracollo. Aquelle vestido, aquella fita, quantas horas de trabalho custaram á minha pobre mãe! Hoje vejo-os atravez das lagrimas de saudade e reconhecimento; então via-os entre os risos da vaidade e da ignorancia a ignorancia natural na despreocupaçáo da meninice!

As ferias! todas as minhas condiscipulas fallavam com enthusiasmo nellas! uma ia para fóra, passal-as com uma tia, no campo; outras, com umas amigas alegres e ruidosas; outra, com uma irmã casada que passeava muito. E faziam projectos, rindo com prazer anticipado.

Eu . eu sentia-me triste, como se qualquer d'ellas tivesse a esperal-a uns braços mais carinhosos do que os que me esperavam a mim! Temia as longas horas soturnas na alcova humida e escura, onde desde madrugada até a noite, minha mãe trabalhava sem interrupção. Que distracções, que alegria podia prometter-me aquelle quadro constante: uma mulher magra, pallida, curvada sobre a tabua, engommando cuidadosamente as roupas dos freguezes exigentes e severos?

As aves não iam cantar alli, como cantavam no jardim do collegio; o sol não entrava arrojado e luminoso pela janella do ensombrado quarto do *cortiço*, como pelas de moldura envernizada da aula; e, sobretudo, não teria companheiras risonhas e turbulentas: havia de supportar as brutalidades dos vizinhos immundos, e para entreter-me, brincaria de vez em quando com a desgraçada bruxa que fôra outr'ora adorada por mim, mas que votei ao desprezo desde que vi Mlle. Rosa.

Emmagreci durante o tempo das férias; faltava-me o passeio obrigado, a convivencia alegre de outras crianças, as correrias do recreio, o barulho, a vida, a luz! Tornei-me lymphatica, tinha o pescoço cheio de caroços e os beiços esbranquiçados, veiu o fastio, o somno e a doença. Passava as tardes em casa da visinha, brincando com a Rita e o Maneco, enquanto a Carolina trabalhava. A pobre soffria calada as rebentinas da mãe, estava sempre magra, espigada, e no seu rosto oval e sãrdento, os olhos claros derramavam uma tristeza impressionadora. Era a doença, era o canção, porque ella estupidificada pelo meio, nem tinha consciencia do soffrimento.

O Maneco cheirava sempre a alcool, tinha a mania de dar beliscões finissimos que arrancavam bocadinhos de pelle á gente. Eu raramente via o pae, que sahia de madrugada para o trabalho e só voltava á noite. Aquella ausencia ajudava a mergulhar o pequeno no vicio. Era o vèndeiro da esquina, o *Seu* Joaquim, quem, para rir, fôra ensinando o rapaz a beber. Só a Rita sabia rir

alli como criança , mas isso não me bastava, era muito mais nova do que eu, divertia-se com coisas que me enfastiavam, e não sabia acompanhar-me nas que me divertiam.

Eu ás vezes sahia enxotada pela ilhoa, que rogava pragas a todos, confundindo-me com os filhos. Com medo de que minha mãe não me deixasse tornar áquella casa terrivel, calava-me e no diá seguinte lá voltava, attrahida pela convivencia das outras crianças, farta, intumescida do silencio e da tristeza do meu quarto.

Uma vez, a ilhoa chamou-me , tinha um bom ar alegre no seu comprido rosto ennegrecido pelo sol.

--Oh, senhora Martha! gritou ella de fóra a minha mãe, deixe cá vir a sua pequena um nadinha, sim ?

Fui: tinham-lhe dado uns doces em casa de uma fregueza e ella repartia-os com a criançada. A sua voz forte, de pronuncia cantarolada pospontada de " " francezes, nunca me pareceu menos rude. Ella estava em pé no meio do quarto, perto da mesa ; a

Rita segurava-se-lhe as saias e a Carolina sentada no chão, com a costura cahida nos joelhos, levantava para a mãe o seu rosto comprido de queixo fino. O Lucas, perto da porta, empurrava com o dedo a *mãe benta* que já não lhe cabia na bocca, e de bochechas inchadas olhava ainda cobiçosamente para as mãos da ilhoa.

Recebi o meu quinhão e sentei-me a comel-o perto da Carolina.

—E o Manéco? indagou a mãe.

—Inda não veiu...

—Mandaste-o fóra?

—Não senhora...

—O demo do rapaz! Deixa-se-lhe aqui o seu bocadinho...

O quarto da ilhoa era dos menos sujos do cortiço. Apesar da criançada, conseguiam ter as coisas mais ou menos em ordem. A Carolina não tinha as mãos paradas nem um instante, era a responsavel pela travessura e o desmazelo dos outros.

A parede era toda coberta com gravuras de jornaes e chromos comprados aos turcos.

Havia uma divisão de tabique separando o quarto de dormir, e ao fundo, em frente á porta da rua tres prateleiras de pinho, cobertas com uma cortina de chita vermelha, guardavam a loiça.

—O' Rita, vae vêr se teu irmão está na venda. Querem vêr que o diabo do Joaquim está a dar cachaça ao pequeno!

A Rita sahiu, mas voltou depressa.

—Maneco já vem ahi... disse ella a mãe, olhando para traz com modo curioso.

Momentos depois a figura magra do Manuel balançava-se na soleira da porta. Vinha livido, com os braços pendentés, as orelhas despregadas do craneo. Carolina teve um sobresalto, poz-se de joelhos, a mãe ficou aterrada, á espera, elle entrou aos avanços e recúos, engrolando palavras, curvando muito os joelhos, com o corpo bambo. Toda a serenidade da physionomia da ilhoa fugiu rapida, subitamente. Olhava para o filho attonita, esfarelado entre os grossos e raivosos dedos os ultimos doces.

Elle ria, ria baixo ficando o queixo no peito da camisa de chita.

A mãe puxou-o num repellão, elle vergou pela cintura mas não cahiu, amparado pelos pulsos e os joelhos della.

—Burro! gritava a ilhoa com o pescoço congestionado, burro! és a minha vergonha! preferia que me tivesses entrado morto, pela porta a dentro!

E dava-lhe soccos.

O Manéco rolou por fim para o chão, a mãe possessa, batia-lhe sempre, sem attender á Carolina que supplicava, já de pé, com a brancura pallida do linho nas faces magras

— Mamãe... mamãe!

O corpo molle do Manéco cahiu estendido de bruços no assoalho, a mãe vociferando nomes bateu-lhe com o pé, como se tivesse dado numa coisa morta; depois, voltando-se agachou-se num canto, e dalli contemplava o filho, silenciosa, com as faces apertadas entre as mãos grosseiras e as lagrimas rolando-lhe pela cara.

A Carolina estava tremula, e a Rita espantada, olhava com medo para tudo aquillo.

O Manéco bebia sempre, mas não chegára nunca áquelle estado. O que atormentava a mãe era a lembrança de que esse vicio fôra inoculado no filho pelo vendeiro bruto, que se divertia embriagando as crianças...

— Não sei o que tenho que não dou cabo daquelle maldicto Joaquim! Foi aquelle diabo que perdeu o Manéco... Oh, heide vingar-me...

Isto dizia entre dentes, raivosamente.

— Mamãe... murmurou a Carolina procurando acalmal-a.

— Cala-te!

E depois de uma pausa e ainda voltada para a filha mais velha:

— Teu avô... o pae de teu pae, que lá o meu era um santinho, morreu cozido das monas que tomava. Sempre tive nojo do velho! Graças a Deus teu pae não tem o vicio; e vae o rapaz sahe-me assim! Credo! que inferno!

O Manéco roncou, surda e arrastadamente; no rosto bronzeado da mãe o desprezo e a

dôr juntaram-se numa expressão terrível. Então a Carolina levantou-se, pegou com dificuldade no irmão, quasi do tamanho della, e levou-o ao collo para dentro. Atravès do tabique ouvia-se o rosnar delle e o choro baixinho da irmã.

A Rita já tinha sustido por muito tempo a sua alegria vendo desaparecer atraz da porta as pernas finissimas do Maneco, começou a rir alto: a mãe, furiosa, fez-lhe um gesto de arremesso, ella calou-se atemorizada, e eu fugi.

Uma hora depois rebentava o barulho na casa da vizinha, o marido voltava do trabalho, a discussão começava, como todos os dias, mas desta vez peor, mais prolongada. Minha mãe fechou a janella e a porta, e mandou-me dormir.



III

Ao expirar das férias, cahi gravemente doente. Desenvolvera-se no *cortiço* a epidemia terrível de diptheria, e o sarampo. Minha mãe, enlouquecida, não me desamparava... velava assidua noite e dia, por sua pobre doentinha, evitando o menor golpe de ar, proporcionando todo o possível conforto.

Logo no primeiro dia de doença, correu á casa do medico, de manhã, mas só á noite é que elle appareceu, o que a desesperava de impaciencia... eu gemia baixo, enfraquecida e prostrada pela intensidade da febre. Delirei, tive suffocações medonhas e só depois de duas semanas pude levantar-me, muito tremula e muito impertinente. O medico deixou

de ir ver-me, mas offereceu caridosamente seus conselhos sempre que delle precisassemos.

Principiou a convalescença, a época de desejos irrealisaveis e de excitações nervosas. Eu queria tudo o que não possuia, exigia impossiveis áquella pobre martyr, que tinha na voz supplicas e no olhar toda a meiguice de uma alma angelica!

Um dia quiz vêr a boneca da menina Lucinda, cuja lembrança não sei porque se despertou em meu espirito.

— Quero brincar com Mlle. Rosa... Mlle Rosa era a minha idéa fixa.

— Deixa estar, meu amor, dizia a minha incomparavel enfermeira, has de ter tambem uma boneca assim...

— Mas ha de ser já!...

— Já?! pois sim, vou comprar-te uma agora mesmo...

— Não! eu só gosto da Rosa!... e chorava.

A Lucinda tinha ido viajar com a familia

e não podia minha mãe socorrer-se de sua generosidade.

— Não chores, que tornas a ficar peor... descansa, que has de ter uma boneca muito linda... e marejavam-lhe os olhos de lagrimas. Eu apesar de muito crescida não me envergonhava daquellas exigencias.

Nem um ralho de minha mãe! Ás imperinencias manhoças e insupportaveis oppunha sua resignação e seu grande medo de me vêr outra vez com febre e inerte.

No dia immediato, comprou-me uma boneca, para consolar-me deu-m'a embrulhada e poz-se á espreita, fixando avidamente em mim o seu olhar de santa. Desdobrei com as mãos emmagrecidas o papel amarello, em uma anciedade nervosa. Quando vi o desejado objecto, levantei os olhos para minha mãe e, como se estivesse em frente de um espelho, vi nella retratada a minha decepção!

A boneca rolou para o soalho, onde permaneceu alguns minutos, depois em um bom movimento, pedi-a, compuz-lhe o vestido de

gaze vermelho, salpicado de florinhas de panno, e adormeci com ella nos braços.

Restabeleci-me vagarosamente. Minha mãe redobrava-se de trabalho para pagar-me vinho fino e remedios caros. Era caprichosa, mas demoradissima no serviço faltavam-lhe as forças para sacudir o trabalho e desembaraçar-se depressa.

Voltei enfim á aula, agora com preguiça, saudade daquellas horas vãs entre a criada da vizinha. A Rita entrou nesse anno, levada por mim, que lhe segurava a mãozinha trigueira, com ar vaidoso de protecção.

D' Anninha estava na sua cadeira de braços sobre o estrado. Em frente della, em cima da mesa, misturavam-se com os lapis e as lousas, raminhos de mangericão, rosas de Alexandria e galhos de alecrim, levados pelas discipulas. As rosas mais finas estavam collocadas num copo cheio de agua. As adjunctas riscavam pedras, de cabeça baixa.

Apresentei a Rita á professora, dando-lhe o papelsinho que já viéra escripto de casa, com o nome e a naturalidade da pequena.

Eu gosava naquelle momento de um prestigio extraordinario, aquelle acto simples de matricula, em que eu intervinha directamente, fazia-me crescer deante dos olhos parvos da meninada ignorante. Desde então tomei grande preponderancia sobre a Rita, que não fazia nada sem meu conselho!

Em cada anno que começa ha uma onda nova de meninas, que entram, e um grande vacuo de meninas que sahiram, algumas sem uma palavra ao menos de despedida!

Cada dia ocorre-nos á lembrança uma ou outra collega que não tornámos a vêr!

E' uma impressão delicada e estranha nas crianças, essa em que a novidade traz uma certa tristeza indefinivel. Felizmente, ainda lá encontrei Clara Sylvestre, com o seu formoso rostinho alvo e rosado, e o cabello castanho, amarrado no alto com uma fita côr de rosa. Mostrava-se agora ciumenta de mim com a Rita e toda ella, só para fazer-me pirraças, se dedicava a uma caboclinha risonha. De vez em quando faziamos as pazes, e eram então abraços e beijos sem fim.

A professora começou a mostrar predilecção por mim, dando-me muitas vezes uma cadeira a seu lado para ajudal-a a tomar a lição das meninas do *A. B. C.*

Diziam que eu tinha muita paciencia e muito geito. As crianças deram em trazer-me tambem raminhos de alecrim e perpetuas, mal amarradas com linha.

Assim correu o anno. Chegado o mez de Dezembro, tornou a época do descanso. Fiz meu segundo exame, com louvor. Minha mãe julgando-me sufficientemente instruida, quiz acostumar-me a ajudal-a, mas viu com tristeza que eu não tinha geito para os trabalhos a que me propunha.

Mandava-me vigiar a panella, mas a comida queimava-se ou o fogo extinguiu-se; olhava-me sem reprehender-me e uma occasião disse-me com brandura:

— Tu não nasceste para isto mas, filha é preciso que te habitues; bem vês, somos muito pobres e quando eu morrer deves saber sustentar-te com dignidade e firmeza.

Ao ouvil-a fallar em morte, desatei a

chorar e prometti trabalhar; mas no dia seguinte entornei a panella nas brasas, que se apagaram

Eu tinha então onze annos.

Nessa idade lidava arduamente a Carolina; mas a Carolina era a Carolina! um anjo condescendente e soffredor, que levava be-liscões tendo por isso nodoas negras, em seu corpo de gafanhoto muito branco. A Carolina tinha juizo como uma senhora sensata, e co-ração immaculado; emfim, a Carolina não en-trara nunca em uma casa como a da Lucinda, nem se vira em frente de um espelho, mise-ravel e feia, ao lado de outra menina de sua idade, bella e orgulhosa!

Passei tristemente o resto das férias, e logo no primeiro dia de escola voltei a classe.

Chovia e estavam poucas meninas. Finda a licção, principiei a costura, a bainha de um lenço.

Uma adjuncta conversava intimamente com a mestra, em um tom que me permittia ouvir-as sem indiscrição.

Fallava de sí, de sua vida passada, dando graças a Deus por ter um emprego, cujo ordenado lhe consentia um certo conforto, evitando que o irmão, unica pessoa da familia, a protegesse dando-lhe cousas olhadas como superfluas, por mais necessarias que fossem, pela cunhada rapariga invejosa e ironica, segundo phrases suas.

— Estou morta por tirar a cadeira, continuava, só assim viverei tranquilla.

A professora animou-a; ella retirou-se com um sorriso satisfeito, e eu fiquei pensativa

Nessa noite sonhei que era mestra: tinha uma casa grande, com jardim, onde cantavam doudamente, em uma alegria exuberante e abençoada, os passarinhos. Quando accordei disse o sonho a minha mãe. Vi-lhe no rosto lampejar a alegria.

Foi assim que desabrochou em meu espirito essa flôr immaculada e santa, de aroma fortalecedor e doce—o amor ao trabalho. Eu projectava fazer fortuna a ensinar meninas! Queria um palacete, com espelhos e moveis

esquisitos, attrahia-me a figurinha nervosa e brilhante de Lucinda, aquella visão que me plantou na alma o arbusto de negros fructos, cujo sabor me envenenava—a inveja!

Sonhando ser mestra, eu não imaginava o descanso, o repouso ameno que eu daria a minha mãe como recompensa dos grandes sacrificios feitos por ella para meu bem estar eu não pensava em ser util, em tornar-me necessaria, imprescindivel: eu não queria ser mestra para não morar em um *cortiço* mal allumiado, infecto, humido, nesta terra onde ha tantas flores, tanta luz e tantas alegrias. O caso é que, fosse qual fosse a mão que me escreveu no pensamento a resolução de vir a ser professora, pertencesse ella á tentação diabolica do luxo ou á comprehensão de um dever, fosse qual fosse, eu a abençoô.

Continuei a estudar e fazia progressos. Os primeiros premios eram meus. Dava-os a minha mãe, que os guardava como reliquias em um cofre de madeira, onde tinha o retrato de meu pae e algumas cartas de fami-

lia, amarellecidas pelo tempo. Por isso dizia-me ás vezes sorrindo:

— Nesta caixinha estão o meu passado e o meu futuro

Uma tarde, voltavamos do collegio, eu e a Rita, quando no meio da rua tivemos de parar estupefactas.

A ilhõa ia entre dois soldados, com o vestido esfarrapado, o cabello solto, o rosto sangrando, coberto de arranhões. As mangas arregaçadas mostravão os seus braços de lavadeira robusta, avermelhados e musculosos, e havia um tal ar de furia e de dôr no seu olhar, que ella nem viu a filha, que chamava por ella, agarrando-se a mim.

A' porta do cortiço havia ajuntamento de povo; algumas pessoas riam-se. O Joaquim vendeiro vociferava, roxo de colera empapando num lenço o sangue que lhe escorria do nariz.

Entrámos em casa, tremulas de susto. Soubemos tudo.

O Manéco tinha ido com a mãe ao medico; a ilhõa queixara-se: o pequeno não co-

mia não dormia, tinha tremuras nas mãos, o ar pasmado, e entrava a emmagrecer de uma maneira espantosa. O medico depois de um rapido exame, declarou o doente incuravel. Aquillo era o effeito do vicio, já não valia a pena dar-lhe remedios; que o deixasse beber á vontade, a morte não tardaria muito

A ilhoa voltou arrastando o filho, atirou-o para a cama, recommendou-o á Carolina, e sahiu de novo para a rua. Estrangular o Joaquim entre os seus dedos rigorosos era o seu intento, mas de vagar, dizendo-lhe mesmo :

— Meu filho vae morrer por tua causa ! mas antes que elle morra has de tu ir para o inferno !

A venda estava cheia de gente : ella não viu senão o dono, magro, amarello, alto, perto do balcão ceboso. Atirou-se a elle, esmurrando-o num extravasamento de colera. Cahiam copos, garrafas, uma barulheira medonha que ia attrahindo os curiosos. Vieram os soldados, separaram-os ás pranchadas e lá

a levaram para a policia com as mãos cheias de sangue e fios da barba do outro

Dentro da casa, a Carolina chorava baixo, contendo o irmão que teimava em voltar para fóra. Ella ouvia tudo, com o coração apertado, mas não faltando aos seus cuidados de *menagère*. Minha mãe foi acompanhá-la, ajudando-a a deter o Manéco.

Carolina deu o jantar á Rita, obrigou o irmão a tomar um caldo, e arrumou depois tudo no armario, limpando as lagrimas ao panno dos pratos. Numa das voltas, minha mãe notou-lhe :

— Que é que você tem nas pernas, Carolina ? estão inchadas !

— Ha muito tempo já que estão assim.. cada dia engrossam mais... já não posso calçar as meias. Isto não é nada.

— Já fallou ao doutor ?

— Não mas já tivemos aqui uma vizinha com a mesma coisa, e o doutor disse que era da humidade. A gente não pôde mesmo morar noutro lugar Isto não é nada

Quando se tratava das suas doenças, ella dizia sempre, repetindo-se—isto não é nada.

Só no dia seguinte foi que a ilhõa voltou para perto dos filhos, e mal entrou de-saffogou-se em lagrimas.



IV

O cortiço em que moravamos gozava da fama de ser um dos mais pacatos do bairro, devido á providencia do proprietario, um carroceiro portuguez, que morava com a familia no local, na primeira casa a esquerda do portão.

Elle gabava-se de só consentir alli gente séria, e o caso é que os moradores ficavam atolados naquella ignominia annos e annos, affeitos á promiscuidade e retidos pela barateza dos alugueis.

Eu passava os nossos dias fóra de casa no collegio e voltava sem pressa para o meu quarto, melancholico. Estudava com esforço; arrancava as ideias do cerebro doloridó, pertinazmente, luctando com a preguiça que

me invadia toda, com a intelligencia que fraqueava e repellia as licções. Oh! mas o vexame daquelle portão de cortiço, daquelles vizinhos que na fama de moderados se esmurravam e guinchavam improperios, dava-me alentos para a lucta.

O senhorio mascarou um dia a sua propriedade com o nome de *avenida*, caiu as casas, despediu um casal de pretos quitandeiros que empestavam de fructas podres todo o cortiço, fez uns tanques para as lavadeiras sem elevar o preço das suas casinhas.

Isso decidiu--nos a ficar por mais tempo. Elle bem sabia que a gente não podia ir bater a outras portas mais asseidadas, o dinheiro era quasi nenhum, e a saude fraca. Entretanto distinguia-nos sempre com as suas menos rudes cortesias.

Duas casas adeante da nossa, ao lado da ilhôa, morava uma mulata gorda, a Eulalia, lavadeira, que invariavelmente todos os sabados vinha cambaleando da venda, a fallar alto, sobraçando uma garrafa de paraty.

Toda a gente do cortiço se reunia e a provocava, rindo muito das suas palavras inconnexas e dos seus esgares. Mandavam-na dansar, batiam palmas, assobiando lundús, incitando-a aos requebros em que ella bamboleava o corpo mal firme; ás vezes a desgraçada ia ao chão; vaiavam-na estrepitosamente, ella então, zangada, atirava-lhes pedras e os chinellos, e elles fugiam, ás gargalhadas, batendo com os tamancos ou os pés descalços, no chão.

A' segunda-feira, Eulalia muito triste com olheiras fundas e nodoas de pancadas no rosto, ia pedir-nos trabalho. Era então um grande sermão que parecia convencel-a: minha mãe admoestava-a muito, ella chorava e sahia, com a grande trouxa de roupa, para o tanque.

— Veja lá, Eulalia, dizia-lhe sempre a minha santinha, eu sou responsavel por tudo isso, e não quero dar má contas aos freguezes...

-- Fique descançada, não ha de faltar nada.

E não faltava.

A' direita da nossa casa ficava a de uma familia gallega, operarios de uma fabrica de chinellos, a mulher, o marido e duas filhas moças, que iam todos os domingos para casa de um tio aos suburbios e fechavam-se as horas da comida para não repartirem os restos com o Lucas, que tinha o costume de pedir alimento a quem visse comer, ou ao tio Bernardo, o idiota velho, que o carroceiro sustentava e a quem todos davam os magrissimos sobejos.

O tio Bernardo, um *mina*, pagava essas coisas ao proprietario, varrendo a calçada e lavando os exgottos com uma regularidade nunca alterada...

Entre todos os moradores da *avenida* distinguiam-se dois rapazes tyrolezes, muito amigos, e que viviam juntos na mais pura harmonia.

Viamol-os passar todas as manhãs com as suas ferramentas de trabalho a caminho da officina. O mais velho, Tulio, era carpin-

teiro, trabalhava muito, e fazia peculio para ir buscar a noiva á Italia.

O outro parecia menos assiduo; voltava muito mais cedo para casa e chegou a provocar uma pequena desordem, tentando raptar a filha de uma paraguaya da mesma estalagem. A mulher fez barulho, armou mesmo um escandalo, mas o Tulio interveiu e tudo ficou em paz. Pois bem; dias depois deste acontecimento, correu rapidamente o boato de que o Giovanni matára o companheiro, seu protector, seu patricio, quasi seu irmão!

O tio Bernardo tinha-o visto sahir alta noite, manchadò de sangue, cautelosamente, cosendo-se com a parede, a olhar para traz, como se temesse ser seguido; e apesar do tio Bernardo ser um idiota, sem responsabilidade, vivendo por esmola no cortiço, toda gente lhe prestava attenção, fazendo-o repetir em frente ao quarto fechado a mesma coisa de instante a instante. Uns pingos de sangue na soleira justificavam a historia do desgraçado demente, negro velho e hydropico, de

quem eu sempre tive muita repugnancia e muito dó.

Eram sete horas da manhã; chovia, e á porta ainda fechada do quarto numero 10 ia-se ajuntando o povo, ouviam-se exclamações:

- Oh ...
- Parece incrível ...
- Jesus !
- Aquelle diabo como era sonso !
- Eu sempre lhe achei má cara ...
- Pobre Tulio !

A paraguaya lá estava, fazendo côro, com o filho mais novo ao collo, e os dois gemeos do penultimo parto agarrado a sua saia de chita já rôta, muita escorrida. E esticava o pescoço de cordoveias salientes, á espéra da autoridade.

A's oito horas chegou a policia e, afastando os curiosos, procedeu ao arrombamento da porta.

Houve então um murmurinho de espanto, e a massa de povo, já muita compacta, aper-

tou-se ainda mais, avançando na soffreguidão de presenciar tão medonho espectáculo.

Para ir para a escola, tive de passar pela casa do Tulio e instinctivamente olhei para dentro. Elle estava deitado de costas, com o peitilho da camisa manchado de sangue, a bocca e os olhos muito abertos. Senti arripios, e talvez cahisse se minha mãe não me amparasse, apressando o passo.

Foram interrogados muitos moradores do cortiço, e averiguaram ter sido á morte causada pelo ferimento de um compasso, no coração. O miseravel Giovanni, esperara que o amigo dormisse, e então, para mais livremente roubar-lhe o seu pequeno peculio, juncto á custa de trabalho e de sacrificios, enterrou-lhe desapiedadamente o ferro pelo peito dentro! Depois fugiu, levando comsigo a chave de casa!

O caso é, infelizmente, vulgar, e se o narro é porque elle influiu no meu organismo de uma maneira incrível! Passava noites em claro, vendo o pobre Tulio morto, assistindo-lhe ao passamento, seguindo na mi-

nha doente imaginação os passos do criminoso, chegando-me muito para minha mãe, pedindo-lhe que accendesse a vela, cobrindo-me de suores frios, horrorisada, tremula, enlouquecida! Sempre que passava pelo quarto numero 10, voltava o rosto para o outro lado e acelerava os passos, mas as noites, sobre tudo é que me aterrorisavam! Desejava que os dias se prolongassem interminavelmente; só a luz do sol conseguia acalmar o meu pobre espirito, tão super-excitado!

Fazia com que minha mãe accumulasse de encontro á porta, a mesa, a taboa de engommar, as cadeiras, a talha, toda a nossa mobilia, para que, se alguém tentasse entrar, o estrondo daquellas coisas atropeladas, nos despertasse! Ella sorria; dizendo-me que a nossa pobreza era conhecida lá fóra, e ninguem perderia tempo e trabalho indo alta noite remexer meia duzia de trapos sem valor. Mas eu instava, e ella fazia-me a vontade, com a sua condescendencia angelica. Numa occasião, uma saia pendurada na parede pareceu-me tomar fórmias extranhas, e mover-se ao im-

Pulso de um corpo humano, vivo palpavel. Era mais de meia noite, minha mãe, extenuada de trabalho, dormia; eu encolhi-me toda e abalei-a de manso, suavemente, com os olhos muito abertos, fixos naquelle pavoroso vulto branco, que parecia acenar-me de lá, mysteriosamente!

— Que é?! perguntou assustada a minha companheira.

— Accenda a vela depressa! disse-lhe a meia voz, muito tremula. Ella levantou-se depois de ter ouvido o motivo do meu susto, despendurou a saia, sacudiu-a, para que eu me certificasse de que não estava alli ninguem, deixou que eu espreitasse embaixo da mesa e da cama e aconselhou-me a dormir que ella ficaria velando pelo meu somno! E não fechou os olhos enquanto não me viu adormecida e serena!

Atravessei noites de grande calor, no pino do verão, com a cabeça embaixo dos lençõs, fugindo de ver em cada parede desenhar-se a figura assustadora do assassino de Tulio, o Giovanni! Emmagreci; andava scis-

matica, com medo da loucura, até que a pouco e pouco fui voltando ao meu estado natural.

Então trabalhava com maior regularidade e atravessava a noite de um somno só. Estava pois num periodo saudavel quando uma tarde, em que eu dava umas passagens em um casaco branco, reparei que minha mãe parara de engommar e ficara-se a olhar demoradamente para mim.

— Muito te pareces com teu pae! exclamou por fim, num suspiro de indefinivel tristeza.

Minha mãe raras vezes fallava do passado: Fugia de referir-se ao seu tempo de fugitiva alegria. Nunca atinei com a razão disso. Sentia-me curiosa, mas sem coragem de evocar lembranças que a pudessem maguar.

Nessa tarde, porém, ella parecia ter necessidade de fallar nos mortos, nos seus adorados amores...

Interroguei-a docemente, e ella, sem contrariedade, pousou o ferro no peitoril da ja-

nella, sobre um tijollo que servia de descanso, e veiu sentar-se ao pé de mim, numa cadeira baixa, que atè hoje conservo como lembrança dessa epoca.

Pela janella aberta entrava um ar frio e a fumacinha azulada do cano de ferro. A roupa, já borrifada, feita em trouxas apertadas, esperava os cuidados da engommadeira, que, pela primeira vez na sua vida, parecia fazer pouco caso della.

Lá fóra gritavam as crianças numa algazarra atroz e passavam rindo os carroceiros dos açougues, manchados de sangue, de volta do trabalho.

— Em que me pareço com meu pae? perguntei desejosa de ouvil-a.

— Em tudo, mas principalmente nos olhos; tens uma certa maneira de olhar como só nelle conheci. Era tambem trigueiro como tu, mas menos pallido. A testa é que se não parecia tanto como a tua, mas os olhos! teem os teus a mesma côr castanho-escuro, e as pestanas curtas, como as delle (as de minha mãe ensombravam-lhe as faces).

Não era bonito, diziam os outros, eu achava-o lindo...

— Onde o conheceu?

— Em casa de um amigo nosso, que deu um baile e instou para que eu fosse... Como já te contei, de trez annos apenas fiquei orphã de mãe. Não tive irmãos, criaram-me sem alegrias.

Teu avô condescendeu em levar-me, porque não quiz desgostar o amigo a quem era obrigado. Lá jogou toda a noite, deixando-me envergonhada na sala e dando-me a explicação do seu comportamento... Elle nunca entrava em casa antes de uma hora, e mais, da madrugada...

Teu pae dançou muito e eu gostava de vel-o Foi tirar-me para uma valsa; respondi-lhe ingenuamente que não sabia dansar; elle sentou-se a conversar commigo... e foi assim que principiamos a gostar um do outro.

Eu em casa entretinha-me com serviços grosseiros, não tinha convivencia, não tinha

animação. Aprendera a ler e a escrever, mas isso mesmo mal.

Fui pedida, teu avô oppoz-se ao casamento, não me podia dar dote e teu pae era pobre... casei-me depois de muita lucta e fui morar com a minha sogra, mas a boa velhinha morreu antes de um anno e teu avô embrenhou-se por tal forma no vicio, que ficou pobrissimo e desconsiderado. Chamamol-o para o pé de nós. Elle continuou a jogar, a jogar, sempre cégo a todas as supplicas. Endividou-se. Meu marido arranjou-lhe, com sacrificio, o sufficiente para saldàr a sua divida e lavar-lhe a honra... mas foi tudo em vão!

O vicio é como a agua do mar, que, quanto mais se bebe, mais sede faz!

O infeliz velho chorava como uma criança, abraçado a mim, jurando não pegar mais em cartas, e dalli ia para a mesa do jogo! aquella banca era um abysmo onde se sumiam todas as nossas economias!

Foi em uma casa de jogo que morreu de um ataque, num triste dia chuvoso...

Sahimos de Minas, onde já não tinhamos

ninguem, e viemos para aqui. Teu pae arranjou varias escripturações commerciaes, viviamos com relativo conforto, num chalet ajardinado, compramos uma mobilia modesta, mas assejada, tinhamos visitas, eramos considerados, recebiamos convites para festas em casas particulares, e tudo ia bem.

Tu nasceste, e elle projectando arranjar-te um dote fez-se caixeiro viajante. Foi na ultima das suas viagens que lhe roubaram o dinheiro dos patrões que elle trazia comsigo..

Muitos contos de réis...

Foi a nossa desgraça. Ninguem acreditou na sinceridade e para não ser preso elle fez a loucura de matar-se!

Toda a minha alma se afundava numa dor immensa.

Chorei pela primeira vez a morte de meu pae, maldizendo-me, silenciosamente. Não fôra eu, o motivo de tudo? Por causa do meu dote a sua deshonra!

Pedi então a minha mãe que me explicasse: Qual era a firma da casa de que elle era empregado?

— Braga & Torres.

— Como receberam a noticia de sua morte?

— Como a confirmação da culpa, respondeu-me ella num suspiro..

— Que morte escolheu?

— O veneno.

Tremi.

Sobre o panno que eu cosia cahiam-me as lagrimas, minha mãe não chorava, tinha os seus grandes olhos negros fitos no vacuo, onde se erguia talvez, como um espectro saudoso, todo o seu passado...

O ferro arrefeceu no descanso As crianças calaram-se lá fóra. Só se ouviam os passos pesados dos carroceiros de volta da taberna, o assobio ondulado e sereno de algum rapaz vadio, e, com a bulha da onda a rolar na praia, o rumor surdo dos carros passando além, na rua...

Comprehendi assim a razão daquelle relaxamento em que cahiramos.

A viuva de um ladrão não podia continuar na mesma classe de que a memoria do marido a arrancara. Não era só uma mulher pobre, era uma mulher villipendiada. Estavamos bem no cortiço, só aquelle logar é que nos competia...

Braga & Torres... Ah! se eu pudesse alcançar milhões... ser rica... lançar á cara daquelles homens somma igual á roubada a meu pae... pagar...

E já não pensava noutra coisa!



V

Os mezes foram correndo. Eu estudava muito, mas, ou pelo esforço intellectual, ou por fraqueza physica, estava sempre nervosa, irritada e magra. A minha preocupação constante era ser victima de um desastre imprevisto.

Nunca cheguei a casa que não esperasse encontrar minha mãe morta, nunca atravessei uma rua que não imaginasse ser esmagada por um carro, nunca desejei uma viagem que não temesse um naufragio.

Escondia essas coisas com recato, mas não podia fugir dellas, numa obsessão imperiosissima!

Minha mãe não comprehendia bem o meu mal, então procurava distrahir-me. Eu

ia agora raramente á casa da ilhoa. O Manéco pertubava-me ; sempre a tremer, muito desmaiado, com as orelhas descahidas para a frente, a cabeça raspada á escovinha, cheia de falhas de cabello, das cicatrizes, dos seus trambolhões. Tinha o olhar parado, muito aberto; os ossos pareciam furavam-lhe a pelle, franzida e molle, de um branco opilado.

Doia-me vêr aquella pobre criança, cercando os dentes aos alimentos, sumida dentro da sua velha roupinha, que parecia crescer a cada uma das sacudidelas que elle lhe imprimia.

Uma tarde, tínhamos sahido e voltámos depois das dez horas. Vimos luz no quarto da ilhoa, mas eu soffria de uma enxaqueca tão forte, que nem nos lembramos de indagar a causa daquillo.

Na manhã seguinte, como fosse domingo, não sahi. Fazia frio e eu estava lendo por dentro da janella, enquanto minha mãe preparava o almoço. Vi então passar um caixão de defuncto para a casa da ilhoa.

Estremeci ; o caixão pareceu-me de gente

grande, e o Manéco, havia muito tempo condemnado, era tão miúdo!... Fui ver.

O quarto da cozinha continuava limpo; somente as gravuras das paredes careciam de reforma. Ao fundo, perto do caixote da loiça, o dono da casa, olhava fixamente para o chão, com as mãos pousadas nos joelhos afastados.

A Rita encolhia-se a um canto, com os seus formosos olhos muito abertos, e a Carolina movia o formidável trambolho das suas pernas, agora muito inchadas, tirando roupas de um bahú; enchendo a bacia d'agua, incensando a casa.

A porta do tabique estava aberta, e bem em frente, na cama estreita da irmã, o Maneco dormia o ultimo somno, tão magro, tão branco, tão fino, que mal se distinguia nos lençóes.

A ilhoa sentou-se aos pés da cama contemplando o cadaver.

— Quando morreu?! perguntei á Carolina, mostrando-lhe o irmão.

— Hoje de madrugada, já ha muitos dias

que elle não conhecia ninguem.... tremia... parecia que estava com um frio!

— Quando nasceu era tão gordo! suspirou a mãe. Todas as vizinhas m' o invejavam... O meu rapaz!

Entretanto, a Carolina lavava o irmão com um panno molhado, e vestia-o com muito cuidado, como se temesse desprender-lhe os braços ou as pernas....

Pesava um abatimento extraordinario sobre aquella gente.

Nenhum grito, nenhum accesso, nenhum ataque perturbou a tristeza grave, a solemnidade d'aquella morte tão esperada e tão triste.... Estavam todos cansados, silenciosos e quietos.

Chegou emfim a hora das despedidas. A Rita beijou o irmão na testa, fechando os olhos, com um leve estremecimento que lhe percorreu o corpo. A Carolina beijou-o na bocca, inundando-o de lagrimas. O pae abençoou-o muito commovido; a mãe então suspendeu nos braços aquelle corpo immovel de uma magreza transparente, e conchegou-o

ao peito, como se o quizesse guardar ; depois beijou-o longamente, longamente, e foi de-pol-o no caixão, sem flores, sem um crucifixo, sem nada...

Foi a primeira vez que eu a vi beijar um filho. Tive vontade de chorar ; e sahi.

No dia seguinte entrei pallida na aula. A mestra, notando o meu abatimento disse-me que eu fôra nomeada e que principiava a vencer ordenado.

Fiquei logo contente, tão perturbada, que pouco entendi das lições e fui de uma benevolencia excessivamente agradavel para as minhas discipulas. Olhava impaciente para o relógio, como se o meu olhar impellisse os ponteiros para o desejado ponto ! Almejava dar a grande nova a minha mãe.

Eu ia e vinha da escola com duas meninas da minha vizinhança, a quem o irmão ia buscar sempre ás tres horas ; mas logo nesse grande dia o rapazito tardava e eu tinha impetos de sahir sósinha ! Ao principio deixava

minha mãe o ferro e ia levar-me e buscar-me; não queria que eu andasse só; depois travei conhecimento com essas pequenas, filhas de um carpinteiro, um bom homem honesto e franco, que morava no mesmo quarteirão da nossa rua.

A pouco e pouco esvaziou-se a aula, e o filho do carpinteiro, sem se lembrar das irmãs! Fechei as gavetas da mesa, puz-me em ordem de partida.... sahiram as ultimas pessoas, ficamos só as tres! Na sala, ainda ha pouco ruidosa, reinava um silencio apenas cortado pelo tic-tac do grande relógio de parede, collocado sobre o crucifixo de marfim, em frente ao retrato lithographado do Imperador.

As duas filhas do carpinteiro abriam a bocca bocejando e encostavam-se ás carteiras envernizadas, esperando ouvir a voz do irmão a chamar por ellas. Assim estivemos até ás quatro horas! Ellas com fome, eu desesperada de impaciencia reprimida! Logo que o pequeno chegou, sahi quasi a correr, arrastando commigo as minhas companheiras.

Ao vêr minha mãe, lancei-me nos seus

braços, participando-lhe tudo. Que jubiloso instante, esse em que eu, tremula de commoção, disse poder contribuir para a nossa subsistencia. Fallei voluvelmente, loquazmente, beijando-a repetidas vezes nas faces, na bocca, nos olhos, com uma effusão de ternura pouco vulgar em mim.

Depois de uns instantes, mais calma, chamada á reflexão pela sua placidez, combinámos sair no dia seguinte, domingo, a procurar na vizinhança do collegio uma casa pequena, independente e clara. Acabava-se a humilhação do cortiço; em breve deixaria de passar por aquelle grande portão que me fazia corar de vergonha.

Para esse fim, saímos na manhã seguinte.

Estavam a concluir uma casa pequena, alegre e bonitinha, quasi em frente ao collegio.

Convinha-nos. Dirigimo-nos ao senhorio. O aluguel absorvia-me o ordenado inteiro! Saímos desconsoladas e pensativas. Calculavamos

em silencio as probabilidades de realizarmos a mudança.

Tornámos a passar pelo *chalet* e parámos a vel-o. Era elegante, côr de perola, com uma veneziana de cada lado da porta e em cima os lambrequins de madeira, aos bicos, guardando o beiral do telhado.

Continuámos a andar, sem dizer palavra.

Realmente precisavamos tomar uma resolução; mas como o *chalet* não estava ainda concluido, decidimos esperar sempre dizendo que não nos convinha, mas com o sentido nelle.

Assim estivemos muitos dias, até que uma circumstancia inesperada obrigou-me ao arrojô de o alugar.

Eu tinha ido á tarde com a professora à Escola Normal, e tomava notas da explicação de physica, quando, levantando a cabeça, vira olhar attentamente para mim um rapaz desconhecido, alto, elegante, com uns grandes olhos muito brilhantes; baixei immediatamente os meus para o livro de apontamentos, contra a vontade, porém, erguia-os de vez em quan-

do e fixava-os rapidamente no ponto da sala de onde me vinha o doce brilho d'aquelle par de estrellas luminosas. Deliciosa e atormentadora hora!

Uma collega, a meu lado, comprehendeu a minha perturbação, e ria-se baixinho. Ao sairmos disse-me ella maliciosamente:

— Bravo! *elle* é muito *chic*! Empregou muito bem o seu amor, minha senhora!

E fez-me rasgadamente uma cortezia, deixando-me embaraçada.

O amor!.... Imprudente rapariga, que me foi ella dizer! que mysteriosa porta abriu deante de mim!

Quem seria aquelle rapaz? que fazia alli? Não o soube nunca. O que é certo é que os seus olhos não se desfitavam de mim, e que eu tremia, corava, desfallecia de confusão e de enleio.

De repente, vi-me rodeada por todas as alumnas da classe. Ellas davam-me os parabens, sorrindo, segredavam-me cousas de que eu não podia entender o sentido; pediam-me

que lhes mostrasse as cartas recebidas, beliscavam-me chamando-me sonsinha!

Eu não sabia defender-me; estava assustada e curiosa, como se tivesse de ouvir uma verdade!

Por fim, a minha mestra appareceu á porta, mesmo ao pé do tal rapaz dos olhos negros e chamou-me. Obedeci e passei perto d'elle de cabeça baixa, como se tivesse praticado um crime; não sentia o chão sob os pés, ia aérea, ia nervosa, ia doente, ouvindo o pigarro indiscreto de todas as minhas companheiras aggrupadas no corredor.

Quando me vi na rua, respirei o ar livre da noite, uma noite muito estrellada, com verdadeira alegria.

Tomámos o bond; olhei para traz, elle entrara tambem! Apeámo-nos na esquina, elle apeou-se e seguiu-nos! Senti momentaneamente um grande jubilo, mas veio-me em seguida um pavoroso medo de transpor á sua vista o negro, o medonho portão do cortiço, aberto como uma guela esfamada a todas as miserias e a todos os vicios!

Diminui a marcha vacillante. A professora perguntou-me o que eu tinha, pretextei uma enxaqueca, e ella deu-me bondosamente o braço. E assim nos fomos, a pouco e pouco, **approximando** da minha triste casa, d'aquelle quarto mettido no fundo de uma viella lamacenta.

Chegámos por fim ao portão do cortiço, parámos ambas; ella despediu-se, dando-me um beijo carinhoso e aconselhando-me cuidado: que dormisse bem abafada, que tivesse cautela com as constipações; e seguiu apressada com um ar differente do costumado. Eu entrei sem olhar para traz, com o rosto em fogo e o coração aos saltos, em batimentos desequilibrados.

O rapaz dos olhos brilhantes passou; ouvi-lhe os passos, e vi-lhe a sombra desenhada fugitivamente n'uma parede branca. Nunca mais o tornei a ver na Escola nem em parte alguma; mas foi elle quem me decidiu á alugar definitivamente o pequeno *chalet* côr de

perola, de venezianas verdes e lambrequins de madeira a guarnecer o beiral do telhado.

Entretanto, só agora, atravez de tantos dias de amarga experiencia, me nasce no espirito esta duvida que não me alvoroça, e me faz ter piedade de mim mesma.

—Seria a mim ou á D. Anninha que aquelle rapaz dos olhos negros seguia?

E tudo me faz crer.... que era a ella!



VI

Fizemos a mudança. Agora entrava sem trouxidão a luz do dia na nossa morada alegre, com um bello cheiro a nova, toda envernizada e limpa. A mobilia destacava-se de velha, rara e feia naquelle ninho risonho e fresco; mas... ora! isso a pouco e pouco se iria arranjando tambem.

Minha mãe trabalhava sempre; assim era preciso para sustentar-nos. A nossa vida não decorria num scenario tão lugubre, mas estava longe de poder ser considerada feliz.

Que desejava eu até ahi?

Um cantinho independente e asseiado. Tinha-o; que ambicionaria mais?

A ventura, que anda sempre arredia dos

que nasceram sob uma estrella como a que me illuminou desde os primeiros passos.

Ha sempre uma aspiração no fundo da noss'alma. Eu sentia-a. Ao principio indeterminada, vaga, doce, como a dubia claridade violacea do amanhecer; mas o colorido suave cresceu; cresceu gradualmente até ao afogueado brilho do incendio terrivel e implacavelmente consumidor.

Eu amava! Amava aquelle rapaz elegante que me plantou no coração um sentimento desconhecido e cruel! Passaram dias e mezes e nunca mais o encontrei. Foi porque me viu entrar para o cortiço, explicava-me eu...

Esse amor parecerá absurdo a quem não tiver, como eu tive sempre, a preocupação da fealdade; a quem não se sentir isolada na vida, longe de todos os primores da graça, da distincção ou da intelligencia.

Eu, alem de feia, era inhabilidosa. Nunca soube fazer um laço, cortar um vestido, pregar uma flor. A pequenez dos meus olhos de um verde sujo, a côr trigueira das minhas faces de maçãs salientes, a longura

dos meus braços finos e o modo desengraçado do meu andar, que eu nunca soube corrigir, asseguravam-me que ninguém pousaria em mim a vista com prazer; que eu cortaria a vida, de ponta a ponta, sem deter os passos de quem quer que fosse num movimento espontaneo de sympathia....

Convenço-me de que, naquelle rapaz eu não amei o homem: amei o Amor, o meu triumpho, a hypothese de ser amada,—que é o melhor sonho de todas as mulheres, mesmo d'aquellas que brilham, que são formosas, que fascinam....

Amei o Amor, e vivi embalada nesse idyllio sem que os meus actos regulares e serenos trahissem as minhas commoções.

Continuei sempre na mesma escola; era a primeira a entrar e a ultima a sair: trabalhava com animo, com afincio. Estudava muito, porque a minha intelligência não me permitia o mais pequeno descuido: comprehendi que só com muita applicação alcançaria o meu fito; e lembrava-me, attonita, do que a mestra dissera a minha mãe quando fiz o meu

primeiro exame : *Tem muito talento!*... Engano; o que eu tive sempre, isso sim, foi muito boa vontade.

Insinuei-me. A mestra apontava-me como exemplo ás alumnas e ás adjunctas. Aquillo incommodava-me ; suscitei invejasitas e deram-me maliciosamente a alcunha de — *a santinha*.— Fingi ignorar tudo isso e prosegui na mesma placidez e assiduidade.

Assim cheguei á idade de vinte annos, passando o melhor tempo da vida a estudar para ensinar, ou curvada sobre a costura, ao lado de minha mãe, que enfraquecia muito e trabalhava sempre.... Eu não tinha amigas intimas, nem amores; não dançava nunca, não lia novellas.... só no fundo da minh' alma, se espelhava, como a luz crepuscular num lago, o luar saudoso e brando que ia a pouco e pouco esmorecendo, vestigio deixado pela claridade intensa d'aquelles olhos que tanto mal me fizeram e que tão vagarosamente se me iam apagando da memoria!

A minha mãe inquietava-se com o meu estado e comprehendia-o. Porisso pediu á mes-

tra que instasse commigo para jantar, uma ou outra vez, com ella e que nas noites de reunião tivesse a bondade de se lembrar de mim.

A mestra prometteu satisfazel-a e cumpriu a promessa, deixando-me ambas ignorante d'essa combinação.

Dias depois disse-me a directora :

— Venha hoje passar a noite connosco, Martha: reúno alguns amigos e não quero que falte.

Acceitei, embaraçada, o convite. Não transpuzera nunca os humbraes das portas interiores. De toda a casa conhecia o que as alumnas conheciam. A mestra era bondosa mas impunha-se ao respeito e evitava intimidades. Cumpria rigorosamente os seus deveres e não perdoava a quem não fizesse o mesmo. Ensinara-me desde o A B C e tinha porisso grande imperio sobre mim.

Empenhara-se na minha carreira; fallara aos examinadores a meu respeito; protegia-me, levando-me á tarde á Escola, como se acompanhasse uma filha, com a melhor vontade; e apezar de tudo não me convidara

nunca para ficar a seu lado, contendo-me numa certa reserva e distancia.

Aquelle convite espantou-me, mas prometti ir, como se realmente pudesse ser notada a minha falta!

A' noite vesti o meu melhor vestido um de linho azul, comprado com o producto do *crochet*, feito no recreio das meninas; puz no pescoço uma gravata de cassa branca, no peito uma rosa perfumada e fresca e dirigi-me, acompanhada até á porta pela minha santa mãe, que prometeu voltar á buscar-me ás onze horas da noite, dizendo que me esperaria em baixo, na sala da entrada, onde a não vissem senão os criados.

Aquillo entristeceu-me, mas como não ser assim, se a coitada não tinha um vèstido apresentavel?

Subi sosinha a grande escada da casa da professora. Ia envergonhada e tremula, sem saber porque; no meio da escada tive vontade de voltar para traz, de correr para minha mãe. Nas reuniões é sempre o momento da

entrada o mais custoso para as raparigas timidas e inexperientes, como eu.

Depois, lá dentro, confunde-se a gente com a multidão, e sente prazer nisso.

Cheguei acima a uma saleta de espera, illuminada por um lampeão pendente, de vidro fosco.

Atraz das cortinas, numa janella sobre o jardim, conversavam alto, rindo, alguns rapazes. Parei interdita; para que lado deveria seguir? Da esquerda e da direita vinham rumores de vozes e de passos.... um dos rapazes, percebendo a minha hesitação, veio offerecer-me o braço e levou-me pelo corredor até ao *toilette*.

Entrei, procurei a minha mestra; não estava alli; sentei-me a um canto e puz-me a olhar para tudo.

Muitas senhoras, novas quasi todas, vestidas de claro, com braços nús, mangas de renda, grandes *bouquets* de flores, na cinta, ou no peito. Uma em frente ao espelho, arripiava o cabello fazendo-o mais crespo; outra passava o *pompon* de pó de arroz nas faces e no

collo ; outra pregava alfinetes num *bouquet* de cravos amarellos posto artisticamente no canto do *carré* do corpinho ; outras conversavam alto, abrindo e fechando os leques, como grandes borboletas de ázas irrequietas ; todas coradas, risonhas, elegantes, e felizes. Vendoadizava eu commigo : — A mocidade é isto !

É a alegria, o goso, a belleza, o conjuncto de todas as primicias ideaes que pôde ter a vida ! Juventude ! não sou digna de ti !

A's minhas reflexões respondeu lá fóra a musica.

O quarto de *toilette* ficou depressa vazio ; foram todas dançar. Fiquei eu, sentada no mesmo canto, encolhidamente.

Observei o que me rodeava, as paredes forradas de papel côr de rosa assetinado, com filetes doirados ; a mobilia austriaca, coberta com rendas, as mesmas que eu ajudara a fazer na aula ; o tapete de rosas de lã, em que eu trabalhara tambem e que alli estava perto do sofá ; o grande toucador cheio de objectos de phantasia, vidros de essencias e ramos de flores. Levantei-me e dirigi-me para o espelho.

Que differença entre mim e as outras todas! Subitamente lembrei-me de Lucinda e voltei depressa as costas para o crystal puro em que se refletia a minha pobre imagem.

Como ha doze annos, via-me humilhada, feia. Tinha o cabello liso, entrançado na nuca, á Santa Catharina; o vestido simples, largo no corpo, as mangas muito compridas; o rosto lustroso sem aquella côr suave, aquelle aveludado doce do pó de arroz.

Tornei silenciosa para a mesma cadeira, sentando-me triste e disilludida.

Minutos depois correram o reposteiro; ergui a cabeça e vi deante de mim a dona da casa. Levantei-me respeitosamente. Beijou-me, e passando-me o braço pela cintura levou-me para a sala. Quiz resistir, balbuciei qualquer coisa que ella não percebeu, e achei-me no salão.

A mestra ria-se, parecia outra, mostrava-se jovial, alegre, adoravel. Pegou-me na mão repousando-a sobre a seda côr de ameixa do seu vestido, de uma maneira protectora e meiga.

Contou-me que era dia dos annos do marido, o Sr. Jeronymo de Andrade, e que uns collegas seus, empregados da mesma secretaria, tinham-lhe feito uma surpresa, indo em commissão levar-lhe um busto em bronze do pae, um velho de fronte serena e altiva.

— O meu sogro, dizia ella, tinha um coração de ouro e era o que se pode chamar um homem bellissimo.

Coitado, foi infeliz!

Morreu na guerra deixando viuva e doze filhos pobres! Os dois mais velhos tinham ido com elle, que já era então coronel. Quando minha sogra os viu voltar sem o pae ficou como uma doida, coitadinha! Olhe: ella lá está; é aquella velhinha de preto com rendas na cabeça.... Chorou muito ao ouvir o discurso do Silva e Souza que foi quem fez a entrega do busto.... tenho realmente pena que você não tivesse vindo mais cedo; assim teria presenciado essa scena, na verdade commovedora.

O Silva é aquelle rapaz de barba preta á franceza, que está conversando com a se-

nhora ao lado, a de côr de violeta... é minha cunhada, mulher de um advogado, o Dr. Torres....

Vê aquellas tres meninas? são de um outro cunhado meu, medico; tem quatro filhas, cada qual mais bonita....

Vê aquella de côr de rosa, perto da janella?

— Sim.... a que está com uma ventarola de pennas....

— Exactamente. É minha afilhada, Clothilde; tem uma esmeradissima educação e é muito boa, um anjo!

Apresentou-me depois a outra sobrinha, a Leonor; cedeu-lhe o logar e afastou-se para differente grupo.

A minha nova companheira era deliciosamente delicada, muito alva, muito loira, de olhos rasgados, humidos, d'um azul escuro, abysmal; cintura fina, expressão angelica e vaporosa. Trajava de branco, como uma noiva, e engrinaldava-lhe a cabeça luminosa, uma haste flexivel de jasmins alvissimos.

Conversou amavelmente commigo, até que a vieram buscar para a dança.

Sentaram-se pessoas indifferentes a meu lado. Uma formosa menina morena que os rapazes rodeavam conversando lisongeiramente....

Organizaram uns *lanceiros*, e faltava numa roda um par. A dona da casa lembrou-se de mim e veio buscar-me, apresentando-me um velho conselheiro que fôra roubar á mesa do jogo.

Estremeci de medo. Disse-lhe que não sabia.... que não podia.... que me achava doente....

— Não faz mal ! estamos em familia.... o conselheiro terá a bondade de guial-a.

— Mas....

— Não temos mas. Vá lá, é preciso que danse, uma vez é a primeira.

O conselheiro tinha um sorriso amarello, frio, embirrativo. Não estava disposto, resolveu-se a dansar por obedecer á intimação.

Rompeu a musica ; fui, como para um sacrificio, para o meio da sala. Experimentava

um mal-estar terrível, percorriam-me a espinha uns arrepios de frio pronunciadores de febre.

Os *vis-á-vis*, sorriam-se com discrição; eu empalidecia e corava simultaneamente: o conselheiro dançava evidentemente aborrecido.

A minha tortura prolongou-se e cada vez a mais, á proporção que se complicava o desenho intrincado da quadrilha. Querendo ir para a esquerda ia para a direita; voltava-me indecisa e reparava que se riam dos meus enganos, da minha desastrada *gaucherie*.

Logo que vibrou o ultimo acorde levou-me o conselheiro quasi apressadamente para a primeira cadeira vazia que viu, e sumiu-se no longo corredor, em direcção á saleta do jogo.

Serviram o chá. Tirei d'uma bandeja de doces umas pastilhas enfeitadas e guardei-as na algibeira, para leval-as a minha mãe. Quando levantei a cabeça notei que uns rapazes me olhavam desdenhosamente, sorrindo do meu movimento.

Baixei os olhos, comprehendendo que

praticara uma grande asneira, já então irremediavel; nisso ouvi uma senhora edosa perguntar distrahidamente ao marido:

— Que horas são?

— Duas, respondeu elle com todo o descanço e serenidade.

Estremeci. Duas horas, e minha mãe esperava-me ás onze! Levantei-me, procurei em vão a dona da casa, atravessei o salão e desci rapidamente a escada.

Atraz de mim ficava uma multidão alegre, os risos, as flores, as luzes, tudo que, por ephemero, encanta a mocidade.

Sentada em um banco do vestibulo, envolta em um chaile preto de franja rala, minha mãe esperava-me, curvada e fria, olhando para o chão.

Bati-lhe no hombro, beijei-a na face, pedindo-lhe perdão da demora.

— Não faz mal, respondeu-me, contanto que te divertisses....

Em casa contei-lhe tudo. Ella ouviu-me, ajudando-me a despir-me, e deitou-se tranquilla ao meu lado.

No outro dia era eu, como sempre, a primeira a entrar na aula. Logo que a professora chegou, pedi-lhe, envergonhada, desculpa de ter sahido, na vespera, da sua festa, sem me despedir; e contei-lhe tudo. Ella sorriu, perguntou se eu me tinha divertido, mostrando não ter notado a minha falta, nem mesmo ter dado pela minha ausencia!

Aquillo desapontou-me, voltei para o meu trabalho, dizendo de mim para mim:

— Decididamente, foi só para isto que eu nasci!



VII

Decorreram muitos mezes sem a mais leve mudança. Aquella *soirée* foi um acontecimento extraordinario na minha vida e não me deixara, comtudo, uma impressão grata... deslumbrara-me ao principio, mortificara-me depois. Eu, apezar da idade, do raciocinio e das grandes provações, tinha no fundo da alma sepultado um resto de vaidade, que só no meio obscuro em que vivia ordinariamente, dormia o somno profundo dos sentimentos sopitados.

Chegaram por fim as férias e foi exactamente então que se apoderou de mim uma tosse cruel e uma febrinha impertinente, que me pintou nas faces duas rosetas de um vermelho violaceo.

Ao mesmo tempo vieram-me vertigens e horas de humor execravel, em que eu me fechava em um silencio aggressivo e doentio.

O medico aconselhou que me casasse. Aquillo era hysterismo. Taes palavras foram como que chicotadas que me batessem nas faces. Minha mãe ficou-se a olhar para elle, com os seus olhos tristes...

O medico sorriu e remediou :

— Ou então uma viagensinha, distracções... ar puro...

Desdenhei-lhe o conselho por achal-o ir-realizavel. Minha mãe, porém, não descançou, e foi ter com a mestra, a quem disse tudo entre lagrimas.

A occasião era boa :

Ella fazia as malas para ir passar um mez no campo, em Palmeiras, onde alugara casa. Combinou-se tudo: minha mãe pediu dinheiro adiantado a um freguez antigo, o Miranda, homem generoso e bom, comprou-me sapatos, alguma roupa branca, que perfumou com petalas de rosa e folhas de malva-mã, concertou-me um vestido a mais, pas-

sando para isso a noite em claro, comprou-me a passagem, e entregou-me com um sorriso animador e confiante á mestra, pedindo-me que lhe escrevesse sempre, sempre....

Ao despedir-me d'ella, desatei a chorar convulsivamente.... e arrancaram-a a custo de meus braços.

A viagem correu bem. A estrada era lindissima.... eu colava o rosto á janella, olhando para a matta esmaltada de flores exquisitas, illuminada pela brilhante luz do dia.

Quando chegámos a Palmeiras, descahia a tarde. O sol, muito vermelho, descia lentamente para as esparsas e innumerás montanhas.

Na *gare* cimentada, pouca gente : O chefe da estação ; dous rapazos magros e pallidos, convalescentes a ares ; umas inglezas falladoras, mostrando os seus grandes dentes muito brancos nuns sorrisos abertos, e um velho escocez esguio, alto, muito sympathico, o doutor Gunning, a quem o marido da mestra nos apresentou como nösso senhorio.

Findos os primeiros cumprimentos, o bondoso escoceiz rompeu a marcha, guiando-nos para casa. Subimos a pé ladeando um valle ao lado da estrada, cercado de framboezas. A brisa trazia-nos o aroma sadio das plantas agrestes, subtil e bom.

Continuámos a subir, por um caminho flexuoso, parte da encosta sobre o tunnel, que leva acima, ao hotel; em mais de meio da estrada parámos em frente a uma casa branca com varanda de madeira preta... ao pé d'uns grammados alegres.

Era a habitação que nos destinara o bom velho. Entrámos. O senhorio mostrou-nos obsequiosamente todos os commodos, salas, corredores, quartos, a mobilia, pouca e simples, e a esplendida vista das janellas.

Que ar fino, que aroma saudavel, que tranquillidade e que belleza!

Na vasta solidão azulada do céu brilhavam, no poente, os rubores quentes do grande astro a esconder-se; no alto, a luminosa e doce estrella Venus...

Deram-me um quarto pequeno, mas claro e alegre. Tínhamos ido só tres pessoas, além de uma criada.

O chefe da familia gostava de caçar, a mulher de ler, eu de escrever a minha mãe.

Logo de manhã cedo, dizia o dono da casa á esposa :

-- Olha, Annita, não esperes por mim, que talvez não volte antes da noite... E punha a espingarda ao hombro, a bolsa a tiracollo, o chapéu baixo, as botas até ao joelho e lá se ia pela estrada fóra, assobiando alegremente.

— Vamos nós passear ? dizia-me então a mestra. E, segurando ella um livro e eu a minha cestinha de trabalho, punhamo-nos a caminho tambem.

O nosso senhorio, muito amavel, convidava-nos a ir ler na varanda do seu *chalet*; aproveitámos muitas vezes o offerecimento. Entravamos por um longo e estreito terreiro que havia ao lado da casa, onde uma arara já velha e cega catava com o bico muito curvo e grosso as suas pennas azues, encarnadas e verdes. Eu parava sempre a cumpri-

mental-a, e tomei-me de *sympathia* por aquella ave, que sem me ver, nem acceitar as migalhinhas de biscoitos e de pão que eu lhe levava, volteava-se *resmungando*, ora no poleiro, ora no chão. E assim, sem vermos ninguem da habitação, aberta sempre ao estrangeiro, chegavamos ao jardim, cheio de flores do matto; havia, entre outras, umas esponjas douradas, grandes como laranjas, num arbusto alto, elegante e fino. Entretinha-me a passear alli; depois subiamos os poucos degraus da varanda de pau, onde se enleava uma trepadeira cheia de campanulas côr violeta. Sentavamo-nos; d. Anninha começava a ler, eu a fazer *crochet*.

Cercava-nos um silencio doce, cortado pelo zumbido de uma ou outra abelha na perseguição das flores. Um perfume bom nos envolvia; e a aragem agitava as campainhas vidradas, côr de violeta, graciosamente.

Estavamos alli, as duas sósinhas, horas inteiras, sem animo de sakir d'aquelle recanto socegado e bonito, até que, tomando uma resolução; d. Anninha levantava-se, fechava o

livro, e descia commigo os degraus da varanda isolada, aberta na solidão do campo á contemplação da natureza.

Desciamos, em alguns dias, á grotta, escorregando no terreno declivoso, rindo, agarrando-nos ás ramas baixas das arvores para não cahirmos.

Chegadas lá abaixo, ao fundo, ouviamos o marulhar da agua, colhiamos lirios amarellos e roxos, e, provendo-nos de coragem, ascendiamos á montanha, esfolando as mãos nos galhos, parando de vez em quando, sentando-nos a ouvir um canto melodioso de ave desconhecida ou a ver umas flores novas, garriadas de cores e de aroma. E assim chegavamos á casa cançadas, mas satisfeitas.

Uma occasião, em vez de descermos, subimos a montanha, colhendo framboezas e parando a miudo para descansar. Passámos o hotel e caminhámos para deante, internando-nos no bosque, onde a luz do sol penetrava numa rendilhação luminosa. Cantavam os passarinhos; ouvia-se quasi a germinação das plantas. Sentámo-nos em umas pedras; ella, d.

Anninha, a ler, eu a colleccionar folhas e flores campestres. De repente sentimos estalar uns galhos e ouvimos rumor de vozes; voltámos a cabeça e esperámos attentas. Apareceu, rindo ruidosamente, um grupo de rapazes; vendo-nos, um d'elles soltou uma exclamação, um oh! prolongado e admirativo que encheu a floresta. Era um conhecido da cidade, um parente da minha companheira. Os outros rapazes conservaram-se a distancia, tirando respeitosa-mente o chapéu, o primeiro destacou-se do grupo e veio cumprimentar a prima, muito mais velha do que elle, mas com quem tinha certa confiança. Acenou aos outros que seguissem, e sentou-se num tronco partido ao pé de nós.

— Então, Annita, aproveita as ferias? Faz bem. Isto é realmente encantador, adoravel, esplendido! Venho muito para aqui no verão... e ás vezes, mesmo, no inverno, não resisto. Ver desfazer-se o nevoeiro lá do alto do terraço do hotel é divinamente ideal. Demora-se por cá?

— Um mez.

— Bravo! Eu tambem pretendo demorar-me uns quinze dias pelo menos.... Goso tambem as minhas ferias! depois de formado, *de Sr. Dr.*, adeus dias d'estes! Já me lembrei de montar em Palmeiras uma casa de saude em ponto grande.... que tal? Ora! mas isso acabaria por enfadar-me. Para apreciar estes bellos quadros do mais extranho e delicado matiz, esta esplendida natureza rica de pompas, farta e bonissima, tão variada e tão simples, tão encantadora e soberba; para dar valor condigno a todas estas maravilhas que se impõem ao mais rude, ao mais ingrato espirito, é precisa a mesquinhez da cidade, as ruas estreitas rumorejantes, o zumzum do povo, o calor, os mosquitos, os beneficios das actrizes más, as reuniões dansantes a que não podemos faltar, e a saturação de outras calamidades...

Annita ria-se e respondia ao primo, que fallava sempre, olhando de vez em quando para mim, a quem do mesmo modo dirigia a palavra.

Continuei a enramalhetar as minhas flores, mas muito machinalmente. Toda a minha

atenção estava presa a esse rapaz, de rosto oval, grande bigode castanho, olhos maliciosos e ternos a um tempo, cabello ondeado e sedoso, mãos finas, esguias e brancas. Experimentava um prazer indefinivel em ouvil-o tagarelar voluvelmente. A sua voz era para mim uma musica.

Prolongou-se a conversa, transformando-se insensivelmente o assumpto. Seguimos depois juntos até a casa. O primo da minha amiga prometteu voltar no dia immediato, para levar-nos a ver um *chalet* muito lindo, além, cercado de flores sylvestres, armadas no mais delicioso dos jardins.

— Venha almoçar connosco amanhã. Luiz, disse-lhe d. Annita. Elle acceitou o convite e partiu.

Ao vel-o voltar costas puzemo-nos a fallar a seu respeito; eu ouvia interessada a historia, um tanto romanesca, que a mestra lhe attribuia. Aventuras amorosas, rasgos de generosidade, cavalheirismo levado ao mais requintado apuro, alguma intelligencia e muita pretenção....

Cousa singular : nessa noite, no meio de sonhos attribulados e febris, confundia com o rapaz que havia tres annos demorara tanto em mim os seus olhos, o que me apparecera pela primeira vez naquella manhã !

Levantei-me mais cedo, impaciente sem saber porque ; tive mais apuro na *toilette*, fiz um penteado novo, e preendi no meu corpete, abotoado á militar, um ramalhete de flores !

E nesse dia esqueci a minha fealdade.

O Sr. Jeronymo desistiu da caça e prometteu fazer-nos companhia.

Luiz tardava ; decidiamo-nos a almoçar sem elle, quando o vimos entrar com uma apurada *toilette* e um sorriso amavel.

Aos ralhos da prima oppoz uma humilidade desarmadora de todas as indignações.

— Que querem ? exclamava elle, passei uma noite agitadaissima !

— Não dormiu, primo ?

— Dormir ! ? Eu nunca pratico semelhante vilania ! Dormir ! Oh ! Anninha, pelo amor de tudo que lhe é caro, não me julgue tão banal ! Eu compuz, eu li, eu contemplei no

meio das sombras que me cercavam o inquieto tremelulizar das estrellas, eu...

— Basta! Eu sei que o primo fez tudo isso, mas que se esqueceu do principal.

— Do principal? Olhe; é provavel.... o que julga principal, prima?

— A sua these, os seus estudos!

— Os meus estudos! Eu vir estudar medicina em Palmeiras! que horror, que monstruosidade! que inacreditavel prosaismo, e que máo gosto! Não me repita taes palavras, prima, se não me quer ver cahir a seus pés num deliquio mortal!

Chamaram-nos para a mesa, onde reinou sempre muito bom humor, graças á alegria, á infatigavel alacridade d'aquelle sympathico rapaz.

Acabado o almoço, sahimos. Iamos quatro, sendo eu sempre a mais silenciosa.

Percebi que o Luiz perguntava atraz, ao primo, quem eu era. A resposta foi num tom tão baixo que não me foi possivel ouvir nada.

Chegámos ao decantado *chalet*; estavam fatigados, sentámo-nos no jardim gosando a

esplendida paisagem fronteira. Depois de uma grande pausa contemplativa, exclamou o nosso *cicerone*:— Se eu fosse rico, fabulosamente rico, construiria além, sobre o pico d' aquella montanha, na eminencia a mais alta, um grande castello, memoravel pelo mais assombroso luxo. Havia de ser visitado pelas notabilidades das cinco partes do mundo, por todos os artistas celebres... um delirio! Dava-me na vontade fazer resoar por ahi fóra umas musicas da Bohemia? Mandava vir uma orchestra de bohemios... Quería Robinstein? Pois bem, ouviria o grande pianista executar *para mim* as suas mais estupendas difficuldades.

Teria jardins suspensos, como a bella rainha da Babylonia, e grutas subterraneas, illuminadas por grandes fócios de luz electrica.

Espalhariá por essas florestas faisões asiaticos, gazellas européas, abstruzes africanos, lebres da Oceania e os mais raros exemplares de animaes da America.

Andaria em palanquins de ouro crivados de pedras finas, aos hombros de indios fortes com vestes de sedas riscadas a côres brilhan-

tes : ou no dorso de elephantes brancos ajaezados a pedrarias; não obstante, teria cadeirinhas chinezas de marfins embutidas a tartaruga e prata ; *phaetons* inglezes puchados por parelhas custosas : *landeaux* francezes forrados de toukim branco, flacidos e commodos ; trenós russos, que eu faria deslisar em caminhos nevados, artificial mas deslumbradoramente ; cavallos de todas as raças, ajaezados á moda de todos os paizes ; grande escolta phantasiadamente trajada ; salas de crystal, salas de filigrana em ouro, salas pintadas pelos melhores mestres da arte de Rembrandt e de Murillo.

Escorjaria os meus inimigos de inveja, e teria depois o prazer de os vêr, arrependidos e cubiçosos, irem juntar-se como animaes gregarios, comendo nos meus pratos de Sevres e da India a carne fina dos meus pavões. Criaria uma cidade, numa d'aquellas montanhas, deixando entre ella e o meu castello a floresta escura, silenciosa e bella de onde não me viessem murmurios de vozes nem echos das paixões humanas.

Os moradores da minha cidade seriam escolhidos entre os pauperrimos das grandes capitães, teriam casa ajardinada, banhada de luz por todos os lados, com agua farta e pura e um panorama esplendido em frente, a perder-se na immensidade.

Construiria nella um edificio espantoso de belleza e grandiosidade, onde hospedasse os mais celebres pintores, esculptores e poetas; mandados vir de além-mar nos meus hiates de ouro, com a unica e determinada condição de ficarem gosando alli seis mezes de luxo, mas deixarem uma obra original no meu rico museu!

Um paraiso, meus amigos, pleno de enlevos, transbordante de maravilhas, onde não seria permittido politicar (sob pena de expulsão) onde todas as mulheres teriam, como primeiro dever, serem bellas; os homens fortes e intelligentes; os velhos bons; as crianças meigas e todos muito leaes, muito gratos, e muito meus amigos!

“ Emfim, o rei Luiz da Baviera ficaria *enfoncé!* „

O marido de Annita sorria desdenhoso.

No seu largo rosto vermelho, salpicado de grossas camarinhas de suor, estampava-se o contentamento de quem nada mais ambiciona. Aquelle socego doce, aquella distancia da cidade, do trabalho quotidiano e monotono, bastavam-lhe como ideal de ventura.

Embora percebesse no primo um sentido romanesco e falso, desagradavam-lhe as suas theorias e impacientava-se com o prolongamento da exposição. Por isso, aproveitando a primeira pausa, exclamou:

— Pois eu, se fosse rico, iria viajar, vindo depois viver para aqui, assim sem luxo, sem vaidades tolas, nem lisonjas importunas. Roupa leve, simples, mesa farta, boa espingarda, um perdigueiro adestrado... somno de boa saude e nada de musicas, nada de dansas nem de recepções. Para o homem este repouso tranquillo, esta amenidade, é a maior alegria, o gozo mais salutar e edificante.

E discutiram ambos a melhor maneira de disfructar a riqueza.

Entrei por fim na conversa, instada por d. Annita, que me perguntava repetidamente:

— Que faria se fosse rica assim, Martha?

As minhas aspirações eram modestas, em poucas palavras disse tudo. Quando acabei vi fitos attentamente em mim os olhos de Luiz. Desde esse momento não pude conservar por muito tempo os meus longe dos d'elle.

Ao voltarmos para casa offereceu-me o braço e, inclinando-se para mim conversava risonho, olhando-me de perto....

Disse-me ser estudante de medicina, que o seu ideal não era a riqueza nem a ostentação, nem os falsos e ephemeros prazeres, mas sim um lar illuminado pelo olhar doce de uma esposa honesta.... um coração sincero, bondoso e terno, onde sepultasse toda a sua vida....

Eu ouvia-o commovida e feliz.

E desde esse instante idealizei o meu futuro risonho e ameno :

Seria eu essa esposa, que lhe desse ventura. A nossa casa havia de ser um ninho dentro de um jardiminho muito fresco! Eu plantaria trepadeiras a emmoldurar a janella: umas rosinhas delicadas que se desfolhassem sobre as nossas cabeças, quando enlaçados e amantes nos debruçassemos no peitoril, segredando mil ternuras de amor! Minha mãe presenciaria aquelle quadro num embevecimento e assim realizariamos o mais formoso e o mais querido dos sonhos. Luiz olhava-me com persistencia, sorria-me, distinguia-me com os pequeninos nadas de um pretendente apaixonado. Entreguei-me feliz ao meu amor nascente, cheia de confiança e de illusões.

Que dias aquelles para a minha alma triste! Que diluvio de promessas, que doçura de esperanças! Outra expressão amenisava a minha physionomia rebarbativa. Tornara-me expansiva, risonha, quebrara a minha mudez doentia; se não tivesse a quem, eu fallaria aos passarinhos!



VIII

Voava o tempo alegremente.

Luiz frequentava a casa com assiduidade e levava-me de todas as vezes flores colhidas nas suas excursões, de que tinha sempre a contar um caso pittoresco.

Desappareceu-me a tosse e a febre ; tornei-me mais gorda e corada, risonha e feliz ! Logo de manhã cedo sahia, encontrava quasi sempre o Luiz, que caminhava a meu lado, fallando e fazendo-me fallar, rindo-se descuidosamente e affirmando que eu tinha espirito por dez homens... Eu acreditava naquillo e sentia em verdade o que não experimentara nunca : muita facilidade em expressar-me e uma alegria saudavel, nova, que me invadia toda. A' tarde tornavamos a sahir ; iamos á

gare, ou ao alto da montanha ver a grande pluma branca do fumo da locomotiva apparecendo além nos tunneis.... D. Annita assitava o binóculo e ficava-se em contemplação. Luiz lia-me então uns versos feitos nesse dia; cousas banaes mas lisongeiras, que eu achava muito bonitas....

Dava-me depois o original, com um modo significativo; eu lia e relia aquillo, cada vez mais encantada. Hoje, quando qualquer d'esses papeis me cae nas mãos, sorrió da minha ingenuidade de então!

N'uma d'essas tardes, em que elle acabara de ler-me um madrigal amoroso e terno como um arrulo, formou-se subitamente uma tempestade medonha. Os trovões rebentaram furiosos.

As nuvens baixavam, negras, enoveladas, grossas, lambendo os cimos dos montes, colorindo-os com um véu esfarrapado e fumarento, deixando apparecer nos seus pedaços rotos as manchas verde-negras da vegetação. Voavam em bando as aves grandes, assustadas,

a baterem com as azas sobre as nossas cabeças, num *frá-frá* medonho!

Principiámos a descer rapidamente a ingreme collina. Faiscavam no ar, zig-zagueando, fitas luminosas. Corriamos os tres; d. Annita corajosa, Luiz risonho, eu espavorida.

Desde criança, que as tempestades tinham sobre mim uma influencia enorme. O meu temperamento melindroso parecia electrico. Eu maldizia a minha natureza timida e nervosa e não sei como pude correr, estando assustada e cega de medo, um medo indescrictivel! Parecia-me sem fim o caminho. A chuva principiava, cahindo em gottas grossas. Deparámos com a cabana de um negro lenheiro, um velhinho engilhado, bondoso, e recolhemo-nos alli. Luiz rindo sempre, d. Annita séria, eu de mãos postas.

Ia escurecendo cada vez mais. Em frente á porta aberta olhavamos para a estrada erma, à espera de uma estiada para continuarmos a caminhar.

Estariamos talvez a um quarto de hora

naquella expectativa quando uma figura de mulher atravessa a estrada.

Era uma hospede do hotel, rapariga nova, alta, bonita, rosto côm de leite e rosas, d'uma frescura encantadora, emoldurado pelos aneis sedosos do cabello loiro-cinzento; filha de um paralytico norte-americano, que não sahia nunca e estava a ares no campo.

Ella andava sempre acompanhada por um grande cão da Terra Nova que lá ia a seu lado, a passo.

O lenheiro, chamou-a, offerecendo-lhe agasalho; ella agradeceu com um gesto, dizendo que assistira lá do alto á formação da tempestade — *que adorava aquillo!*

Apezar de toda a minha afflicção, percebi que aquella rapariga singular e romantica produzira em Luiz uma profunda impressão. Elle curvara-se para fóra e sahiu a acompanhala com a vista, não obstante os ralhos da prima...

Esperámos ainda uma hora, mas a chuva augmentava e decidimos partir.

Sahimos; a uns cem passos, se tanto, da nossa habitação, um enorme estampido que

foi repercutindo de echo em echo, abalou a montanha.

Senti fogo nos olhos, dei um grito inconscientemente, e cahiria se me não amparasse Luiz, que tentou levar-me nos braços; tive forças para resistir e guiada por elle, cheguei á casa.

Passei a noite num somno, e acordei restaurada das grandes sensações nervosas que me haviam agitado. Da vespera só me restava uma impressão, e essa amavel: a dos braços de Luiz amparando-me carinhosamente... estremeia de ineffavel jubilo, de innenarravel contentamento! Voltavam-me á memoria todos os incidentes do passeio e demorava-me a meditar no madrigal, dirigido a mim, ao meu coração bondoso e meigo...

Sem receios, desvanecida completamente a lembrança da americana, preparei-me e entrei na sala.

Nesse dia esperámos em vão por Luiz. Eu ia á janella, voltada para o interior e descia ao jardim, sem que em nenhuma das vezes lhe tivesse lóbrigado a sombra.

D. Annita parecia não estranhar a falta do primo; e fingia talvez não perceber a minha impaciencia. Em que inquietação passei! A quantas probabilidades attribui aquella demora! A mais atormentadora era a ideia de que estivesse doente.... sim, bem podia ser que lhe tivesse causado grande mal a chuva e o vento da ultima tarde....

Estavamos ao jantar quando sentimos passos no corredor. E' elle! pensei, e o coração bateu-me com força.

Olhei alegremente para a porta e vi, desilludida, entrar um empregado da estação, que entregou ao dono da casa um telegramma da Côrte; era da familia, chamando-o á pressa, para ver a mãe, atacada nesse mesmo dia de uma congestão cerebral.

D. Annita resolveu logo seguir tambem e principiamos a arranjar as malas.

Deviamos partir no dia seguinte ao meio-dia, e consegui deixar nessa noite promptos todos os meus preparativos de viagem.

Pouco dormi; de manhã cedo abotoei o meu vestido escuro de gola alta, puz o meu

grande chapéu de abas largas e sahi, affirmando que era para despedir-me do logar.

Nunca o sol me pareceu tão claro, tão luminoso e bello. Dizia-me não sei que voz intima que encontraria Luiz pela ultima vez, nessa solidão perfumada e tão digna do *nosso* amor! O adeus, imaginava eu, quebrará o encanto, e ouvirei emfim dos seus labios a suprema palavra, o *amo-te*, que nos ligará por toda a vida!

Os passaros cantavam alegremente, saltitando de galho em galho. Num espreguiçamento voluptuoso, as hastes de trepadeiras cobertas de campanulas azues, brancas e roxas iam-se entrelaçando, e no fundo escuro da folhagem erguiam-se como ciborios de marfim, os perfumosos *capos de leite*.

A cada curva do caminho eu divisava lá embaixo os grandes valles atufados em verdura, arqueando-se avelludadamente de montanha em montanha, até se esfumarem além num tom vaporoso e violaceo.

Nesse embevecimento das coisas e do sentimento que me dominava, eu fui-me ap-

proximando da casa amarellada, lá em cima, sobre o tunnel, dominando a vastidão cheia de luz. Chegando junto ao portão do hotel, entre-aberto, parei attonita, gelada, como se me tivessem vestido de neve subitamente.

Sentada num banco do jardim, muito perto do gradil da estrada, a filha do paralytico, com a cabecinha brilhando ao sol, e os pés mergulhados no pello farto e negro do seu grande Terra Nova, dialogava amorosamente com Luiz!

Elle rodeava-lhe a cintura com o braço, numa intimidade que me encheu de espanto. Ouvi-lhes as vozes unidas como um murmurio causado pela mesma quebra d'agua ou a mesma óndulação da brisa.

É que as palavras de ambos vinham ao fluxo da mesma onda, rolando em egual sentimento.

Segurei-me aos varaes de ferro para não cahir, senti uma vertigem; respirava alto, escutando-lhes sem as entender mas adivinhando-as claramente, de uma nitidez infernal, as suas expressões meigas e apaixonadas.

É verdade que eu aprendera alguma cousa de inglez com d. Annita que, vendo a minha boa vontade para os estudos, me propuzera bondosamente ensinar-me ; mas a minha instrucção limitara-se a uma meia duzia de termos familiares. Comtudo, isso habilitou-me a poder conservar na memoria duas phrases, unicamente duas, de entre tantas que elles trocaram, e essas mesmo por serem compostas com uma ou outra palavra já minha conhecida.

— *Do you love me?* perguntava-lhe elle, a envolve-a com um olhar humido, unctuoso como um favo de mel.

— *Oh yes, yes.... with all my heart!* respondia-lhe ella, languidamente, coando por entre as pestanas cerradas a luz azul dos seus bellos olhos rasgados.

Eu via-lhes os perfis ; elles estavam de costas para mim ; mas com os rostos voltados, quasi unidos, num embevecimento !

No pescoço roliço e branco da americana, brincavam os aneis do seu cabello preso no alto, e aquelles, fios crespos, curtos, soltos, agitados pela viração, polvilhavam-n'a de oiro

Achei-a linda e enchi-me de raiva por aquella belleza.

Tapei os olhos com a mão muito fria e tremula e cambaleante voltei, caminhando por um grande espaço ao acaso, sem cuidados, sem precauções. Era ta! o estado de concentração de ambos que não ouviram os meus passos, nem a minha respiração forte e precipite! Maldita, maldicta hora aquella!

Desci olhando para o grande vacuo a meus pés, com tentações de desperhar-me naquelle abysmo azul. Fallava-me o ar. Agitei os braços invejando as aves que voavam lá em cima, longe d'este mundo traiçoeiro. Passei indifferente pelos chuveiros de flores doiradas, vaporosas, que pendiam dos galhos musgosos das arvores folhudas, e deixei-me cahir quasi desfallecida num combrosito grammado, á beira da estrada.

Demorei-me alli não sei quanto tempo; ouvindo vozes de pessoas que se approximavam levantei-me e segui para casa.

D. Annita estava impaciente á minha espera.

— São horas de nos irmos embora ; eu estava com receio...

— De que ?

— Não lhe tivesse acontecido alguma desgraça !

— Não me aconteceu nada, respondi-lhe, e, ai de mim ! tinha-se desmoronado todo o meu futuro !

Em caminho da estação perguntei-lhe, procurando uma confirmação para a minha suspeita ?

— Que quer dizer : *Do you love me ?*

— Amaes-me ? respondeu-me ella, sorrindo maliciosamente, e depois : Por que ? algum inglez disse-lhe isso hoje ?

— Qual ! mas ouvi um inglez dizel-o a uma ingleza !

— Sim ? e ella ficou silenciosa, baixou os olhos... corou... não é verdade ? E sorria.

— Não... ella replicou muito firme : *yes... yes ... with all my heart.*

E que significam as ultimas palavras ?

— Sim, sim, de todo o meu coração.

Ora a Martha como poz sentido na conversa! Mas que gente era essa?

— Eu sei lá... uns inglezes.

Chegámos á *gare*; o comboio ainda não estava.

Sentámo-nos no banco e pela vigesima vez contei, a pedido de d. Annita, os volumes que traziamos; o Sr. Jeronymo, muito triste, não se preocupava com coisa alguma, consultava o relógio e praguejava contra a demora do trem.

Ao meio día partimos. O respeitavel e bondoso doutor Gunning veio despedir-se de nós á *gare*, e umas crianças pobres trouxeram-nos flores. O comboio sibillou, oscillou e partiu.

Antes e depois dos tunneis viamos paisagens encantadoras, montes, valles, succedendo-se, arvores frondosas, e logo no fim do primeiro kilometro, á direita, a cascatinha soluçante, graciosa, aonde numa tarde vieramos com Luiz...

Minha mãe, avisada por mim desde a

vespera á noite, esperava-me. Confundimos os nossos beijos e as nossas lagrymas.

Ella achou-me mais forte ; e achei-a, mais magra e muita abatida, muito !

Conversámos a noite inteira.

Ella fallou-me com elogios no antigo freguez, o Miranda, que a protegera e se interessara por mim, perguntando-lhe sempre noticias e lendo as minhas cartas com prazer.... É agora nosso vizinho, accrescentava ella, um bom homem, aquelle.

De Luiz evitei sempre fallar.

No fim de uma semana recommçaram as aulas.



IX

Tinha gasto toda a força affectiva da minh'alma.

Nenhum amor viria arrancar-me áquelle estado doloroso em que por tanto tempo permaneci.

Tornei-me excessivamente nervosa; passava outra vez horas em silencio; a minima coisa me impacientava; tinha o genio irregular e frenetico.

Minha mãe olhava-me desconfiada e triste, sem coragem de indagar o motivo do meu mal.

Uma noite acordou á bulha dos meus gritos e foi encontrar-me num ataque; ajoelhada aos pés do meu leito, chorava acariciando-me, tremula de medo.... Os ataques re-

petiram-se muitas vezes, deixando-me prostrada, enfraquecida.

Uma vez, vencendo o constrangimento, perguntou-me, doce, maternalmente, qual o motivo do meu pranto...

Respondi-lhe desabrida, asperamente. Ella fitou em mim com estranheza os seus grandes olhos maguados, e calou-se.

Tive remorsos, e não achei meio de remediar o meu erro!

Assim passei, inquieta, febril, quasi doida, muitos e muitos mezes.

Minha mãe assustava-se, e foi um dia consultar o medico; elle aconselhou-lhe que me fizesse tomar banhos de mar e que me desse distracções.

A infeliz redobrou de actividade: prolongava os serões até tarde e levantava-se ao romper da manhã; sempre resignada, sempre a olhar-me com um sorriso, sempre a esforçar-se por tranquillisar-me.

Para pagar-me os banhos fazia sacrificios de saude e de força; no entanto, eu era menos assidua na aula e soffria descontos no or-

denado! E' que passava noites em claro, revolvendo-me, mordendo-me, chorando; e de manhã, prostrada, adormecia profundamente; ella então, a minha pobre amiga, cerrava com cuidado a janella e ia trabalhar na sala, silenciosamente.

Num domingo fomos dar um passeio a um dos suburbios á busca de ar puro e de distracção, coisa que eu não encontrava nunca. Tinhamos descido no Engenho Novo, e caminhavamos a pé pela estrada quando notei o extremo cansaço de minha mãe.

—Sentemo-nos aqui, disse-lhe, mostrando o paredão baixinho que ladeava a estrada.

— Estàs cansada?

— Eu não! mas a senhora está....

— Por mim.... podemos continuar....

— Não. Sente-se ahi; eu vou só até aquella curva do caminho e já volto....

Assim fiz. Minha mãe sentou-se, estava livida, arfante, com as mãos apoiadas ao muro e o busto inclinado para a frente.

Tentava sorrir-me, mas os labios, finos e pallidos abriam-se apenas para beberem o ar

morno e grosso da tarde, com difficuldade, vagarosamente.

Deixei-a socegar e subi sósinha até á curva do caminho. Vi d'alli, a uma distancia muito curta, uma praça larga, ladeada á esquerda por um renque de casas pobres, e á direita pelo mesmo murinho baixo, que dava sobre a estrada de ferro.

Era um recanto melancolico, arido, sem poesia, onde as crianças rolavam na terra, de mistura com os cães, e umas arvores de tronco fino, e copa chata, projectavam sombras extravagantes e irregulares no solo amarellado.

O sol ia a sumir-se. De repente ouviu-se perto o silvo do trem de ferro, o comboio passava. Foi um alvoroço entre a criançada, que partiu aos saltos para o muro, numa gritaria, dizendo adeus aos passageiros que não conheciam. Aquelle pôr do sol, aquelle fumo que sahia ondeante, troxeram-me á lembrança as tardes de Palmeiras, e então uma saudade invadiu-me o coração. Saudade de que? Particularmente, de coisa alguma. Ahi eu tivera dores e luctas, preocupações e tristezas ainda

maiores do que as alegrias e os sonhos que sonhara. Sentia saudades de tudo ! d'esse conjuncto de risos e de agonias, do meu goso e das minhas lagrimas, goso sentido, e lagrimas choradas com a intensidade dos vinte annos !

Estava assim absorta quando vi passar, muito perto, uma mulher elegantissima.

O seu vestido cinzento exaggeradamente justo na cintura, o cabello, de um loiro singular, quasi escondido por um chapéu de plumas, o grande leque escarlata, de desenhos bisarros, que ella meneava com desembaraço, davam-lhe um ar petulante e gracioso que me trouxe á ideia uma d'essas figurinhas garbosas de Grévin, que tivesse recebido um sopro mysterioso de vida e desandasse a passear ligeira, deante de mim.

De repente vi-a sumir-se numa das casas pobres, umas das mais feias e mais sujas, onde um formigueiro de crianças, tagarellava á porta.

A elegante mulhersinha reapareceu depressa, distribuindo dinheiro aos pequenitos, acompanhada por uma velhota magra.

Eu continuava alli, vendo machinalmente aquella scena, embebida pela doçura da tarde, olhando, olhando átôa.

A moça desembaraçou-se da velhota e veio caminhando para o meu lado. D'esta vez o leque vinha fechado e os seus passos tinham-se tornado pesados, quasi vagorosos. Chegou-se para o muro e percorreu com a vista a estrada inferior, como se procurasse alguém. Contemplando-a de perto, estremei. Era Clara Sylvestre, a minha antiga compa-
nheira de collegio, que tantas vezes repartira commigo o seu *lunch*, tantas vezes me perfumara com a sua agua-florida, ou me empoara com o seu microscopico *pompon* de arminho subtrahido á gaveta da mãe.

Eu olhava estupefacta para o seu rosto alvissimo, os seus formosos olhos verdes brilhantes e expressivos, os seus cabellos pintados de uma côr de cenoura, os labios cheios de carmim, e comparava-a com a Clara Sylvestre de outro tempo, linda tambem, mas natural, innocente, com os seus caracoés cas-

tanhos e o seu doce rostinho muito redondo e alegre.

Entretanto Clara fixou também em mim o seu olhar esmeraldino. Houve um momento de embaraço. Eu não sabia que fazer; se retirar-me, se ficar.

A pobre Clara, no meio do seu luxo, do seu perfume de heliotropo, e dos seus enormes rubins dos brincos, inspirava-me grande interesse e magua; sentia como que uma necessidade de attrahil-a a mim, evocando a lembrança do passado, e de a consolar! De que? Nem sei.

Porque ella não parecia infeliz; tinha uma certa altivez de porte, levantava mesmo a cabeça com orgulho, vaidosamente.

Contemplámo-nos em silencio. Alguns momentos depois, deixando fallar a voz do coração, perguntei-lhe a medo, assustada de mim mesma:

— Lembra-se de mim?

— Sim.... foi.... parece-me que foi minha collega na escola de d. Anninha.... sómente, não me occorre o seu nome....

— Martha.

— Martha! é isso! Se me lembro! Mora por aqui?

— Não....

Houve uma grande pausa.

Estavamos ambas contrafeitas; desejavamos lançar-nos nos braços uma da outra, e nem nos atrevíamos ás perguntas mais simples!

— Imagine! disse-me ella por fim, precipitando um pouco as palavras, visivelmente nervosas. Morreu uma criada minha deixando uma filha de nove mezes... eu dei a criança a uma ama, remunerando-a bem. Hoje vim vê-la.... está magrissima e suja, oh! suja! os vestidinhos bordados que lhe tenho mandado, sabe onde os encontrei? no corpo das outras crianças, filhas da ama! Que gente!.... Vou tomal-a para casa!

Calámo-nos.

Nisto umas vozes fortes gritaram da estrada, embaixo:

— Olá! Clarinha?!

Era um grupo de rapazes que lhe mostravam um logar no carro em que iam.

Clara recuou um pouco, e disse, apertando a minha entre as suas mãos enluvadas :

— Adeus, Martha ; não pense mais em mim ; eu não mereço a sua amisade. Mas fique certa de que ha muito tempo eu não tinha uma alegria como a que tive agora, vendo que...

Não acabou ; as lagrimas tremiam-lhe nos olhos, e ella desapareceu correndo pela rampa, a menear o seu leque vermelho de figuras bizarras.

D'ahi a nada ouvi as risadas argentinas de Clara Sylvestre, lá embaixo, com os rapazes.

Voltei silenciosa e confusa. Que quereria dizer tudo aquillo ? Minha mãe vinha ao meu encontro, já´descançada, mas afflicta pela minha demora.

Contei-lhe o caso ; nem lastimou Clara, nem me censurou. Estava pallida e alheia a tudo. Voltámos. Por muito tempo o meu espirito se fixou com tenacidade na antiga Clara Sylvestre, rosada, forte, com os seus ves-

tidinhos de chita e os seus bibes brancos, innocente, alegre, feliz!

Pobre criança! ella tem no meu coração um tumulto virginal, engrinaldado de rosas, todo envolto pela saudade, a doce, a tranquillidade da infancia!

Esse episodio simples, fugitivo, suggeriu-me uma multidão de ideias, umas dolorosas, outras.... nem sei como defini-las!

Talvez que eu mesma, sempre pobre, humilde, modesta, feia, invejasse aquelle brilhantismo de Clara, aquellas joias, aquellas plumas, aquelle aroma, aquella formosura....

Mas, tinha ficado no meu ouvido da sua phrase melancholica — “ eu não mereço nada „ — e, dava-se por isso em meu espirito uma confusão indescriptivel de conjecturas....

Desejaria penetrar o mysterio d'aquella vida; saber como se pode parecer feliz não o sendo.... Para mim Clara mentira. Quem não valia nada era eu, sempre ignorada por toda a gente, sempre feia, o que me torturava, sempre envergonhada dos meus vestidos mal

ageitados, do meu calçado barato, do meu modo esquerdo e retrahido!

Era sobre mim que todos os males cahiam, as palavras sahiam-me a custo da bocca, e eu presumia que toda a gente se ria dos meus gestos, da minha cara, da minha pobreza. Entretanto, Clara Sylvestre olhara-me com doçura, com amizade, na meiguice dos vencidos bons, que não odeiam os vencedores da vida!

A minha nevrose, a minha dôr de viver, de ser feia, de ser pobre, de ser triste, durou ainda muito tempo; e creio que não se estinguuiu absolutamente.... Chegou, porem, uma occasião em que me senti mais calma e mais resoluta. Esforcei-me por estudar e distrahi o espirito com isso: devia em breve decidir-se a minha sorte como professora; approximava-se o tempo dos ultimos exames.

Envelheci, emmagreci, trabalhei sobre posse, num grande esforço de memoria; mas se o corpo descahia, a alma triumphava, e era esse todo o meu empenho.

Estava eu a pensar nos meus estudos quando a professora me disse uma vez :

— Quer saber uma novidade, Martha ? O Luiz vae casar-se. Adivinhe com quem...

Rapidamente, num tom vibrante e claro, perguntei :

— Com a filha do paralytico ?

— Não ! Casa-se com a minha sobrinha, aquella que lhe apresentei no baile, a Leonor...

Quando cheguei a casa minha mãe notou que eu estava pallida e com olheiras ; affiancei-lhe não sentir nada, e de facto parecia-me melhor a minha situação.

Em vez de Luiz, era a figura de Leonor que nitidamente me apparecia, vestida de branco, como no baile, e engrinaldada de flores !...

— Olha, disse-me a minha pobre cômpanheira : lêste hoje na *Gazeta* o aviso para concurso, amanhã ?

— Não... Qual concurso ?

— O concurso das professoras para as escolas publicas... O Miranda trouxe-me o jornal ; toma-o.

Li ; e, desde aquella hora até á noite, puz-me a estudar, vendo de vez em quando a imagem delicada de Leonor, como um sonho vaporoso e tenue ; mas não me amargava aquella visão, preferia-a á filha do paralytico ; sentia um prazer maldoso, em saber esquecida aquella tambem !

A respeito dos meus estudos estava segura, tranquillã, de uma tranquillidade mesmo como nunca tivera em vespèras de exame. Minha mãe, não, disfarçava mal a sua inquietação ; sentia-a tremula, ao pé de mim. Não teve coragem de acompanhar-me ; pediu a professora como ultimo favor que me levasse e animasse ; beijou-me quando eu sahi, fingindo-se forte, mas li no seu olhar humido toda a fraqueza que a invadia nesse instante. Tinha razão para receiar de mim ; se me não sahisse bem, ella teria de trabalhar um anno inteiro ainda, com poucas vatagens, exgottando o pouquissimo resto de vida, numa lucta continua !

Com que orgulho eu penso na desvelada sollicitude que tem em geral a mulher bra-

sileira para o filho amado! Não o repudia nunca, trabalha ou morre por elle. Coração cheio de amor, perdoemos-lhe os erros da educação que lhe transmite e abençoemol-a pelo que ama e pelo que padece!



X

Quando á tarde voltei, encontrei minha mãe animada e risonha mesmo com um bom ar de ventura que eu não lhe vira nunca.

O solicitador Miranda, nosso vizinho, fora assistir ao concurso e antecipara-se em dar-lhe a noticia de eu me haver sahido bem.

Recebi a nomeação de professora no dia do casamento de Luiz. Minha mãe abraçou-me jubilosa, e attonita de me ver triste.

Eu pensava na brancura de Leonor, nos seus cabellos loiros e sedosos, engrinaldados, sob o véo fino; no seu bello corpo alto e esbelto, coberto de seda branca e flores de lorangeira.... Eu pensava nas soberbas montanhas de Palmeiras, nas suas casas disseminadas entre alegres verduras, nos seus bosques

perfumados, nas suas cascatinhas solúçantes.... eu pensava na tarde da tempestade; na filha do paralytico e no abraço de Luiz; nos seus madrigaes, nos seus sorrisos e na sua falsidade; pensava ao mesmo tempo em tudo que me impressionara no campo, em tudo que me dera alegria, e em tudo que me dera desgosto!

Fechei-me só no quarto, procurando como pretexto arrumar os meus velhos livros e trabalhos de agulha no fundo de um bahú. Quando voltei á sala, minha mãe, alvoraçada e risonha, chamou-me para o seu lado e disse-me que o solicitador Miranda, lhe pedira a minha mão!

Surpreza, não respondi logo; minha mãe, interpretando mal o meu silencio, continuou:

— O Miranda é homem de quarenta e tantos annos, muito serio e bondoso....

— Mas, respondi-lhe, eu nunca lhe fallei: via-o á janella de manhã, quando eu atravessava para o collegio, unicamente e....

— Elle apaixonou-se por ti na leitura das cartas que me escreveste de Palmeiras.

— E por que lhe mostrou as minhas cartas?

— Porque elle perguntava-me sempre por ti... e... porque, filha, escrevias-me coisas tão bonitas, tão meigas e delicadas, que o meu orgulho de mãe aconselhava-me aquella indiscrição... Eu sabia de ha muito que qualidade de homem é o Miranda: trabalho para elle ha dez annos, bem vês... nunca me pagou mal, nunca fez reclamações nem queixas, foi sempre cavalheiro, como se adivinhasse em mim os principios que tive...

Além d'isso com quem poderia eu desabafar as saudades tuas?

— Via-o muitas vezes?

— Todas as semanas, quando lhe levava a roupa...

Depois que vieste, como sabe por mim que tens estado doente, não me quiz fallar nisso, e contentava-se em ver-te todas as manhãs. Agora, porém, que has de ir morar para fóra, e não podendo calar-se mais tempo, revelou-me a sua afeição.

Acabou de sahir d'aqui; não consentiu que eu te chamasse.... Prometti levar-lhe a tua resposta....

— Não desejo casar-me....

— Mas... balbuciou minha mãe, empallidecendo.

— Alcancei uma posição independente; não precisarei do apoio de ninguém.

Estas palavras disse-as eu seccamente.

Minha mãe baixara a cabeça; e depois de uma pausa silenciosa tornou-me com a voz baixa e commovida:

— Seja! Eu não queria fechar os olhos sem te ver casada.... só num mundo tão perverso como este.... Depois, o Miranda tem optimo comportamento.... è talvez velho para ti, mas havia de ser excellente marido, serio, honesto, e delicado....

Emquanto ella dizia isto, eu via, como num sonho, a encantadora figura de Leonor.

Estremeci, ouvindo minha mãe referir-se ao meu futuro; meditei num minuto a minha vida inteira!

A reputação da mulher é essencialmente melindrosa. Como o crystal puro, o minimo sopro a enturva....

Mas de mim quem se occuparia em fallar? Passaria sempre despercebida, mesmo pela vista dos mais famintos. Viriam os cabellos brancos, viria a velhice e eu ficaria sósinha com os meus sonhos pueris, as minhas raivas surdas, a mesma desconfiança pela humanidade que me repudiava, julgava eu.

Bem cedo neste paiz ardente as mulheres ouvem dizer que as amam, e eu só aos vinte e quatro annos despertava no coração cançado de um velho uma paixão socegada e mansa!

E que amara elle em mim?

O meu espirito; a minha pessôa não era nada. Foram as cartas escriptas sob o influxo do meu amor por Luiz, naquelle periodo de oiro da minha vida, que lhe despertaram a ideia de que a Martha valeria alguma coisa em um lar domestico....

Olhei com desprezo para o meu corpo, achando-o indigno da minha alma. O odio da

natureza cresceu em mim num fermento em que todos os azedumes se encontravam.

Minha mãe percebeu tudo, e disse:

— Eu só quero o que tu quizeres.

— Oh! o que eu quero não o alcançarei nunca!

Foi o meu primeiro grito de desespero. Minha mãe chorou; eu não.

Só muitas horas depois pude ter calma para reflectir, e reflecti que o meu casamento seria uma vingança para os ultrajes que a minha imaginação de moça recebera sempre.



XI

O meu noivo era um homem singular na sua simplicidade. Eu nunca havia reparado nelle: posso muito bem affirmar que só o vi depois de lhe ter dado o *sim*, na tarde em que, com satisfação comedida foi agradecer a minha resolução.

Recebi-o com toda a calma, sem amabilidade, friamente; sorria com esforço, e procurava em vão sacudir de mim a antypathia que o casamento naquellas condições me inspirava! Minha mãe remediava a minha concentração, fallando muito, rindo mesmo, lembrando ao bom Miranda phrases de uma ou de outra carta minha que o tinham feito dizer: “ A sua filha é uma joia rara; feliz do homem com quem ella se casar! ,, Eu não

intervinha ; ouvia os elogios quasi sem protestos, abatida, vazia de idéas, semi-morta.

Chegou um instante em que minha mãe, num esforço de suprema agonia, teve a coragem de relatar a morte de meu pae e a amarga herança que d'elle receberamos.... Julgava aquillo um dever de lealdade, não lhe fossem dizer depois que elle tinha desposado a filha de um ladrão....

Miranda fêl-a calar-se, um pouco vexado ; e eu levantei para elle meus olhos tristes, espreitando-lhe os movimentos, com susto e com vergonha.

Elle sorriu-me. Era um homem de estatura mediana, gordo, calvo, com muitos fios brancos a luzirem-lhe na barba preta ; de feições miudas, dentes pequeninos, e peito robusto.

Havia alguma coisa de paternal nos seus olhos, uma expressão de lealdade, de doçura que me inspirava confiança e tranquillidade. Fallava sem preocupações de linguagem, incorrendo mesmo frequentemente em peque-

nos erros de pronuncia ou de grammatica, muito vulgares.

Eu notava aquillo sem desgosto: immersa numa atonia estúpida! Só depois de elle se ir embora é que eu, ironicamente, os enumei a minha mãe; ella ouviu-me calada e depois affirmou-me que nem sempre os maridos mais illustrados eram os melhores. Quando um homem de espirito superior não encontra na esposa um entendimento claro, uma percepção nitida das coisas, uma intelligencia preparada para a perfeita comprehensão da sua, um como reflector das suas idéas, esse homem deixa de lhe communicar os seus projectos de futuro, ambições, estudos, trabalho, triumphos e desgostos, por julgal-a incapaz de uma consolação ou de um applauso! E assim, sem troca de emoções nem conversas intimas, procura cada um para seu lado satisfazer as necessidades absolutas dos seus gostos e temperamentos. A mulher, então, ou se resigna a viver encolhida em casa, na humilhante posição de mera governante, ou revolta-se contra a superioridade do marido e provoca-o

de todas as maneiras, desde a mais seria até a mais futil! Agora, quando, ao contrario, é a mulher a mais intelligente e a mais illustrada, sendo ao mesmo tempo ponderosa, sensata, boa, o marido venera-a, respeita-a, e faz-lhe sem temer as suas confidencias de venturas e pezares! Cabe-lhe a ella então disfarçar a differença intellectual que entre os dois existe e procurar nivelar-se com elle.

Está ahi toda a sciencia.

Minha mãe citava exemplos de antigas amigas, e eu pensava entristecida, em que a suprema ventura seria encontrarem-se e unirem-se para toda a vida duas pessoas de espirito afinado pelo mesmo diapasão; com as mesmas predileções e eguaes tendencias! Mas essa era uma aspiração absurda, e fiz por convencer-me de que só havia um homem capaz de me fazer feliz — o Miranda.

Principiei sem enthusiasmo a fazer o meu pequeno enxoval e a tratar dos preparativos para a nossa mudança. A minha cadeira era no Engenho Novo.

Em verdade quem tratava de tudo era minha mãe ; eu quasi que me limitava a dizer como queria as coisas ; ella cortava, acertava, punha tudo em ordem ; eu interrompia a costura e ia deitar-me, chorando, ou sentar-me silenciosa, indolente, abstracta, em um canto do meu quarto.

Uma tarde, sahimos do trem dos suburbios quando senti agarrarem-me num braço ; voltei-me : era a nossa antiga vizinha do cortiço, a ilhóa, que se plantava agora deante de nós com um sorriso nos labios grossos.

Na estação havia o rumor dos passos apressados. Corriam os homens procurando entrar no trem que partia ; as machinas silvavam e os trabalhadores impelliam com força os carros de mão, pejados de malas e de caixões.

Foi logo um tumultuar de perguntas.

A ilhóa nem as deixava concluir ; as suas desgraças enchiam-na até aos olhos ; carecia de desabafo.

A Carolina tinha-se casado, apesar do trambolho das pernas ; mas o marido explo-

rava-lhe o trabalho de uma maneira feroz e ainda por cima a moía de pancada...

Tinha já dois filhos e habitava agora um cortiço da Gambôa. Raramente via a mãe. Uma dôr d'alma...

— E a Rita?

— Essa está para casar com um moço estabelecido de barbeiro... mas, senhoras, elle sempre tem um genio!... Aquillo eu já sei!... p'ra mim, filha casada é filha morta...

— E seu marido, ganha mais agora?

— Pois não leram nas Gazetas?!

— O que?

— O meu homem foi pisado por uma carroça, lá p'ra o Matadouro... oh! senhoras que a mim sempre têm acontecido coisas! Está aleijadinho, cortaram-lhe as duas pernas... Se não fosse eu ter saude... olhe que não sei como haveria de levar um bocado de pão á bocca...

Sahimos junctas até ao bond; nós entrámos, ella seguia a pé, pela calçada em frente do quartel.

Eu via com verdadeira admiração aquella trabalhadora persistente e brutal, a quem a vida

retalhava a alma sem que o corpo cahisse. Estava muito mais velha, por certo. O seu cabello encaracollado e negro agora branco, o rosto denegrado descahido em quatro rugas fundas: das narinas ao queixo, dos lacrymaes ás faces. Mas lá ia direita, rebolando os quadris fortes, em passadas firmes, á busca do seu fardo de besta de carga.

Nessa tarde comprámos a ultima peça de morim e as primeiras fitas do meu enxoval.

Dias depois tomei posse da minha cadeira de professora.

No entretanto minha mãe e o Miranda instavam para que se marcasse definitivamente a data do casamento; marquei-a, mas pouco depois transferi-a; tornei a marcar-a, tornei a transferil-a, até que por fim, num grande esforço de vontade, decidi positivamente o dia e a hora para a realisação do acto.

Decorreu um mez. Minha mãe tratava de tudo, desde madrugada até á noite, numa lida insana. Ora lavava os vidros das janellas, ora rématava a minha pouca roupa, muito perfumada e bem arranjadinha, ora cosia, ora en-

gommava, economisando muito para fazer-me um vestido de nupcias de seda branca! E fez o vestido de seda! e comprou flores caras, e um véo longo e farto!

Na vespera do meu casamento, á noite, sentei-me perto da mesa do jantar e puz-me a folhear caderno por caderno dos meus antigos estudos, disposta a fazer desaparecer nas chammas todos os vestigios do meu tristonho passado.

Comecei a separar, examinando com enfado aquelles papeis, quando de entre uns apontamentos de pedagogia, cahiu-me no collo uma folha de carteira, assetinada, dobrada ao meio; abri-a; reconheci a lettra de Luiz; commovida, tremula, nervosa, li e tornei a ler; primeiro só para mim, depois a meia voz, depois alto. Eram versos.

Minha mãe, sentada do lado opposto, em frente, olhava-me com attenção, com os braços e a costura cahida sobre a mesa. Fazia calor e ao redor do lampeão volteavam, fascinadas, muitas mariposas brancas, pequeninas.

— De quem são esses versinhos? perguntou-me a minha santa amiga.

— De um primo da professora....

— Ah! Lê outra vez; mas devagar, eu não os entendi bem.

E eu li-os ainda mais titubante e nervosa.

Realmente faltava-me o ar; sentia-me oppressa, doente; interrompi a leitura, ergui-me, fui á janella; olhei para o céo, estava todo estrellado, azul e limpido, cortado pela esteira esbranquecida da Via lactea. Nem a mais leve viração, tudo morno, parado. De um jardim da vizinhança vinha um aroma forte de jasmims e magnolias; voavam pyrilampos. Inolvidavel noite!

Estive muito tempo debruçada no peitoril, olhando para o escuro, depois voltei, e, sem examinar nem ler mais papeis, queimei-os todos.

Minha mãe advertiu-me:

— Olha que os versinhos lá se vão tambem!

— Não faz mal: elles não prestavam para nada....

— Também me quiz parecer isso, mas como não entendo...

E foi assim passada a minha ultima noite de solteira!



XII

Casei-me uma bella tarde de verão. Poucas pessoas assistiram ao acto, além de minha mãe, do Sr. Jeronymo e da mulher, que foi minha madrinha.

Despedindo-se, d. Annita disse-me num abraço :

— Auguro-lhe muita felicidade ; o Sr. Miranda parece ser um optimo homem !

Passámos uma semana feliz ; meu marido consagrava-me uma affeição serena ; era delicado e bom. Nunca no meu lar soaram as alegres e sonoras phrases dos noivos apaixonados, nem tampouco houve nunca um arrufo.

Minha mãe tinha uma expressão de ventura, por tal forma manifestada no seu rosto muito magro e pallido, que me commovia.

Quando passava privações, fome e frio, trabalhando sempre para sustentar-me, concentrava na tristeza o seu coração ; na alegria, porém abria-o aos olhos de toda a gente !

A queixa é uma fraqueza, a pégada impressa no chão lodoso da terra ; o silencio soffredor é o vôo, no azul candido do infinito.

A minha santa, a minha inegualavel amiga, atravessou todas as miserias sustendo-se sempre nas azas. E' que naquelle corpo estreito, fraquissimo, doente, havia uma alma forte, um coração sublime !

A minha maior felicidade consistiria em remunerar-a com largos juro de todos os sacrificios feitos por mim, por isso preparavalle um resto de vida placido e feliz ; mas coitadinha ! vendo-me amparada, com um auxilio certo e honrado, deixou-se descançar da grande lucta que havia tantos annos travara com a morte !

Singular organização a sua ! Emquanto dependi do seu trabalho, da sua vida, da sua protecção, movia-se sempre activa, desde a madrugada até á noite, uma lida cruel ; agora,

que não se julgava precisa, deixou cahir os braços e confessou-se exausta! E' que toda a sua vida tinha sido só artificio, força de vontade, nada mais.

Foi no oitavo dia do meu casamento que ella adoeceu; estavamos ao jantar e vimol-a cahir para o lado com uma syncope. Quiz soccorrel-a, não pude: tinha as pernas muito tremulas e sem acção; gritei, gritei muito, com o rosto banhado em lagrimas e o corpo innundado de um suor afflictivo e frio. Meu marido tomou-a nos braços e, commovido, levou-a para a cama, num quarto proximo.

Minha mãe voltou depressa a si, chamou-me, procurando animar-me e convencer-me de que aquillo não era coisa de cuidado! mas veiu o medico, e, menos caridoso, affirmou-me que a doente soffria de uma lesão antiga e que se admirava sinceramente de que vivesse ainda!

— Aquelle coração está completamente arruinado ha longos annos; e podemos considerar como um milagre tamanha resistencia

a tão profundo mal. Aquella senhora tem sido de aço, realmente !

Eu ouvia-o tremula, encostando-me a parede para não cahir. Meu marido fez-lhe notar a minha perturbação ; elle lamentou-me e explicou que era de seu dever previnir-nos para qualquer emergencia.

Voltei cambaleante para o quarto da minha adorada ; ella adormecera, sob a acção da morphina injectada no seus braços nus, muito frios, pendentes por fóra da roupa.

Desde então não me arredei do seu lado, assistindo ao medonho desenlace d'aquella vida de martyr. A's vezes, com as faltas de ar, parecia morrer ; ficava roxa, depois pallida ; inclinava o corpo para a frente e com a respiração cortada, o rosto transtornado pela agonia, a fronte banhada de suor, os braços gelidos, olhava-me e sorria.

As crises succediam-se ; as pernas tinham-lhe inchado muito e não podia andar. Passava dia e noite numa poltrona, curvada para a frente sobre almofadas.

Um dia chamou-me para bem perto, afagou-me com as mãos arredondadas pela inchação, contemplou-me com amor, fixa e demoradamente ; depois, estendeu-me os labios tintos de uma côr violacea, beijou-me e fez-me signal para que eu sahisse ; attonita, sahi — e ella expirou.

Dei uma volta pela sala, inconsciente, obedecendo á vontade d'aquella santa.

Voltei : encontrei-a reclinada para traz, sobre o espaldar da cadeira, serena, adormecida ; approximei-me mais, inclinei-me para ella e comprehendí a horrivel verdade -- estava morta !

Meu marido entrara atraz de mim e amparou-me nos braços ; tive ataques violentos, toda a tarde, rasgando o vestido, mordendo-me, batendo com a cabeça na cabeceira da cama e nas paredes, cerrando os dentes a todos os remedios e alimentos, num desespero atrocissimo !

A's Ave-Marias levantei-me e fui postar-me ao lado da minha adorada morta ; não

me arredei d'alli, de joelhos entre o leito e a janella aberta por onde entrava a viração perfumada da noite semeada de estrellas.



CONTOS



Nhá Judinha

As guabirobas estão cheias de flores, erguendo entre a verdura os seus candidos penachos côm de neve; a mangaba está com fructa, a sua fructa ardente e caustica: e aqui e acolá põem manchas roseas e vermelhas sobre a gramma dos campos a flor da jalapa, grande como uma rosa, e a bella *Paratudo*, da côm do fogo.

A madrugada rompe, doirando a vastidão interminavel do céu. Voam passaros, piando alto; as tesouras agitam no ar as pennas das suas longas caudas elegantes, os tucanos buscam os ninhos dos innocentes bem-te-vis numa insaciavel gana, as patativas desprezenciosas, da côm triste da terra, cantam deliciosamente, e os gaviões pardos, entre aves de outras

especies que se cruzam, abrem no espaço as suas azas, com serenidade.

Pelas tristes paizagens paulistas, longos campos cobertos de arbustos rasteiros, onde os cajús, as maçãs e o araçá dão espontaneamente em pés de meio metro de altura, e os juazeiros sacodem as suas florinhas mimosas por esses grandes terrenos despovoados e extensos, o cupim constroe as suas *casas* em monticulos de terra, e voejam borboletas grandes, de um azul vivo resplandecente.

Raiava a madrugada e erguia-se do seio da terra um cheiro agreste e bom.

Por uma trilha estreita, cortando a herva com uma fina lista roixa, caminha um caipira moço, com o cabello escorrido e negro, cahido nos hombros, a calça arregaçada, a camisa aberta no peito, e na cinta a faca de ponta numa bainha de couro. Alto, musculoso, imberbe, elle tem os movimentos decididos, o andar direito e apressado. Deante d'elle estende-se, sempre verde, num declive suave, a longa planicie descoberta, e ao longe, muito longe, em um ponto azulado, nublado pela

distancia, a sua vista de camponio forte descortina a cidade de Pirassununga.

Elle tinha dito á *nhá* Tudinha que esperasse ao alvorecer, perto do rio das Pedras... e já ouvia o soluçar da agua cantando num ritornello a sua monotona e compassada melodia. Chegando ao ponto indicado, viu com pena que ella não estava lá.

—Nhá Tuda!... Nhá Tudinha! gritou elle.

Ninguem lhe respondeu. A agua cahia em cachoeira, de pedra em pedra, rumorejante; e na margem, uma palmeira esguia, testemunha solitaria d'aquella scena, agitava á viração a sua copa estrellada num movimento negativo, como se dissesse ao rapaz:

—D'aqui do alto eu vejo a estrada toda; a Tudinha não vem!

O caipira assobiou tres vezes, nuns trillos agudissimos. Era um signal convencionado; poz-se depois á escuta: respondeu-lhe outro trillo, mais grave, mais limpido, comquanto mais fraco.

Elle levantou os hombros, impaciente: era uma ave que lhe respondia entre a folhagem do arvoredo visinho.

Esperou muito tempo; como ella não chegasse, elle voltou. Mas, á tarde, não pode resistir e tornou ao rio das Pedras, com um lenço de chita cheio de jaboticabas colhidas por elle mesmo na matta. Languidamente encostada á palmeira da margem, a Tudinha esperava-o. Trigueira, com os cabellos negros cahidos em duas longas tranças desatadas, que lhe emmolduravam o rosto e lhe iam até quasi aos pés, o vestido desbotado, redondo: os pés descalços, as duas mãos encruzadas sobre a cabeça; ella parecia meditativa e recebeu o namorado com tristeza.

— Eu vim dizê adeus p'ra mêmê, começou elle, nós vamo tudo juncto cum seu João...

— É-á! gente! quando?!

— Nós vai simbòra aminhã dê minhã-sinha...

— Quando è que mêmê vorta, seu Tónico?

— Passando esta semana, é na outra.

Desde já hoje que eu vim cá, mais mêcê não tava ahi não....

— Eu fui num báque em casa dê padrinho; mais depois de ponhar lá os trem que mãe mandou, eu esperei mêcê....

— Eu tava maginando que mêcê não queria sabé mais dê mim....

— Ché! que speranza!

— Então é veldade que seu pae, nhô Quim, qué casá mêcê?

Ella fez um mochocho, abaixando affirmativamente a cabeça.

— Como nóis sê ama, nóis não se arreceia di nada, não é ansim? Eu vorto logo, e áhi nóis casemo.

Ella sentou-se silenciosa na gramma desatou o lenço de chita da trouxa e começou a tirar jaboticabas que ia comendo de vagar.

— Mecê sabe que eu sou um sacudido!... se mecê casá cum tá nhó Berto, eu mato elle!

Como o caipira se exaltasse, a Tudinha estremeceu, e dos seus olhos negros rolaram lagrimas grossas.

— Tá vendo só! proquê é que mêmê tá chórando?

— Proque mêmê tá que nem doido; respondeu ella disfarçando a sua commoção.

— Não chore não!

Ella levantou-se e ergueu do chão o challe, que poz na cabeça.

— Então mêmê já vai já!?

— Dé certo!

— Antão-se adeus....

— Adeus. Venha logo, viu?

Passou-se uma semana, e o pae da Tudinha convidou varios amigos para assistirem ao casamento da filha com o nhô Berto, homem sério e bem visto no logar.

A Tuda, diminutivo caseiro de Gertrudes, apresentou-se muito triste, de vestido branco, bem engommado, brincos de ouro e laços azues. Tinham de ir a cavallo, porque a capella de Santa Cruz das Palmeiras ficava a uma legua do sitio onde moravam. Noivos e

convidados seguiram pela estrada a trote largo. Riam todos. Só a noiva ia pensativa, de rosto pallido e olhos pisados. A cerimonia correu sem estorvo. Na villa gabaram a belleza da noiva. Voltaram alegremente, só a Tudinha continuava pensativa.....

Na frente do prestito galopavam dois convidados, que ao chegarem em frente á casa dos noivos deram para o ar os tiros de garucha do estylo. Ao jantar houve vinho e comida á farta: o famoso dourado do Mogyguassú, com arroz de forno, leitão assado, gallinhas com palmito e mais gelêa e ovos queimados.

A' noitinha os violeiros, meio cá meio lá, romperem a cantar versos no terreiro, mas um maldicto chuvisco deu de cahir, e entraram todos para a sala térrea do nhô Quirz.

A mãe da noiva accendeu um lampeão, emprestado pelo fazendeiro, *seu Carrinho* tocou sanfona e as caipiras começaram a dançar, muito sérias, com o lencinho na mão.

Eram já nove horas, quando de fóra, do meio do escuro, alguém chamou o noivo.

Elle sahiu, e os demais continuaram a cantar e a rir.

A Tudinha, a um canto, ouvia a prosa e a musica, com um rosto pousado nas mãos e os cotovellos fincados nos joelhos.

De repente notaram a falta do Berto.

— Uê, gentes! exclamou um caipira, onde que está nhô Berto?!

— Caréce de vigiá lá fóra, respondeu outro; elle sahiu faiz já um pédaço....

— Nhô Berto!.... nhô Berto!.... nhô Berto! Começaram a gritar da porta; não ouvindo resposta, sahiram e, a pequena distancia de casa, tropeçaram nò corpo do noivo, assassinado e estendido no chão.

Transportaram-n'o para dentro, cheios de pavor. Quem seria o assassino? Porque não gritára o infeliz, pedindo soccorro?

— Tarveiz que os grito delle fosse abafado pelas nossa vóiz; lembrou um violeiro: e os outros repetiram soturnamente:

— Tarveiz....

Juraram depois vingar o morto, dispóstos a trabalhar até descobrirem o infame que o

matára. Rodeavam a viuva num circulo estreito. murmurando com suspiros.

— A pobre! A coitada! não fique patife não, nhá Tudinha! crie córage!

E affirmavam-lhe que haviam de vingar o Berto, expondo projectos verdadeiramente barbaros:

Um amigo do assassinado picaria o assassino em postas mais pequenas do que as unhas; um outro propunha-se a furar-lhe os olhos, e todos, em um pacto de vingança terrivel, juravam monstruosidades sobre o cadaver estaqueado de Berto.

Tudinha, muito pallida, não vertia uma lagrima; olhava para o marido com os olhos seccos e tinha no rosto uma expressão de quem reflecte com infinita amargura.

O pae então, para a consolar, fallou-lhe em ir elle tambem pelo matto á busca do malvado, que arrastaria amarrado até aos seus pés, para que ella o visse morrer crivado de facadas.

— Vamos campia elle, vamos, vamos! gritaram todos.

A Tudinha, estremeçando a tal resolução, disse alto, com voz aspera mas decisiva:

— Não é pérciso! Eu sei quem é!

— Quem é?! quem é?! perguntavam em côro; mas a viuva calou-se, deixando pender a cabeça sobre o peito.

Interrogavam-n'a em vão, ora de uma maneira supplice, ora de uma maneira ameaçadora.

A mãe chorava, rogando-lhe que dissesse a verdade; as irmãs agarravam-se-lhe ás saias, fazendo egual pedido; ella olhava como indifferente para aquelle grupo.

O pae, cansado de a ver obstinar-se no silencio, puxou-a para junto do morto e prometteu amaldiçoal-a se não a ouvisse pronunciar o nome do assassino.

A Tuda olhou para o morto e não respondeu. Exasperado, o pae deu-lhe uma bofetada; houve entre os circumstantes um murmurio, mas a viuva continuou silenciosa.

— Mêcê falla ou não falla?!....

Como a filha não fallasse, o caipira, vendo-se desrespeitado, ferido no seu amor proprio,

tornou a esbofeteal-a á vista de toda a gente e sacudiu-a pelos cabellos, dando-lhe pontapés.

Tudinha soffreu tudo muito callada. O velho recrudesceu de furor; dava-lhe com um chicote nas costas, nas mãos, na cara. E voltando-se para os amigos, disse furioso e convicto:

— Ella tanto ha de apanhá, que até ha de contá tudo!

Endireitando o busto, a Tudinha respondeu com arrogancia e desdem:

— Ché! que speranza!

— Antão-se, diabo, elle ha de ficá sem cástigo?

— Não... respondeu a Tudinha a meia voz.

Temendo a violencia do pae, alguns amigos levaram-n'o d'alli, deixando a Tuda em companhia do morto.

Mal tinha raiado a madrugada, quando a viuva, sacudindo-se dos braços da mãe e das

irmãs, saíu sosinha para Pirassununga. De lá voltou com uns soldados e foi bater á porta da casa do Antonico.

O sol já batia com força nas paredes de taipa, e uma cigarra estridulava no sapé do telhado.

— Nhô Tuníco? abra a porta,

Ao som d'aquella voz doce, o Tuníco não hesitou — e escancarou a casa. Os soldados prenderam-n'o, e elle, aturdido, não negou o crime.

Tudinha assistiu ao interrogatorio, extremamente pallida, mas firme, e fixando no rosto do namorado os seus bellos olhos negros...

Depois, assassino e soldados sahiram. Tuníco levava as mãos amarradas, para maior segurança. Caminhavam a pé. Tudinha acompanhou-os até longe, chorando muito. Ao separarem-se, elle deitou-lhe um olhar indefinivel, cheio de paixão e de odio. Ella pediu licença aos guardas para dizer uma palavra ao criminoso: desejava contar-lhe o que se passára na vespera, convencel-o de que seria morto pelo amigos do Berto se ficasse alli.....

que ella o denunciava para o livrar dos outros que o picariam em postas miudas, que lhe furariam os olhos, e tambem porque era justa e julgava de seu deus punil-o, comquanto soffresse muito com isso... muito... muito!

A Tudinha quiz dizer essas cousas, mas não pôde, nem as saberia explicar; ajoelhou-se, chorando, aos pés de Tunico, que se afastou d'ella sem a ter ouvido. E o caso é que, quando o criminoso entrava na cadeia da cidade, a Tudinha, rolando num declive por entre os candidos pennachos côm de neve das guabiróbas floridas, mergulhava pesadamente no ponto mais fundo do rio.



Prologo de um romance

A casa de maternidade de Mme. Levy era muito conhecida no Rio de Janeiro.

A proprietaria, mulher ganhadora, abundante de carnes que lhe-vestiam o esqueleto em grossos refegos sobrepostos, morava ao fundo, nas dependencias do grande casarão. Tinha um filho só, magro e adunco, em que o typo judaico imprimira traços mais vigorosos. Ella era viuva, esperta e calculista, o que não impedia que tivesse de longe em longe algum rasgo de generosidade, acolhendo qualquer mulher pobre a quem fazia o parto e dava a cama e o caldo. Fallava muito alto, ria com alegria, desprezava as dôres das parturientes, chamando-as de miseravelmente pequeninas. Trabalhava muito, não queria outra

parteira em casa, ia-se contentando com enfermeiras baratas...

Uma tarde, acabava ella a sua laranja, ao jantar, confidenciando ao filho o seu projecto de passar a casa e ir para a França, quando entrou uma enfermeira mulata, na salinha estreita em que os patrões comiam.

— Então, como está D. Henriqueta ? perguntou a parteira.

— Continúa muito afflicta....

— Lá para as dez horas ficará aliviada...

— O peor é que a Catharina está tambem com as dores.

— Que ! a indigente ?!

— Sim, senhora.

— Diabo de mulher, não podia escolher peor occasião ! Olha.... o melhor é reunir as duas no mesmo quarto, o cinco. Eu não posso estar ao mesmo tempo em dois logares differentes ! D. Henriqueta é rica, mas é sem cerimonia...

— Sim, senhora...

A enfermeira sahiu, e a parteira descascou pachorrentamente outra laranja.

-- Hoje temos dança.... Estou com tanta dôr nos quadris!...

O filho não a aconselhou a que chamasse outra parteira; disse com ar enojado.

— Tambem, porque foi acolher uma indigente?!

Meia hora depois, Mme. Levy bamboleava o seu enorme corpò entre as duas camas do quarto numero cinco.

O quarto era vasto, com janellas de peitoril. Uma das camas tinha cortinado de filò inglez, grosso e liso; a outra não; era um leito estreito, posto ali ás pressas para a indigente.

Junto á cama de cortinado, D. Henriqueta chorava, rezando alto, de joelhos. Junto da caminha de ferro, a pobre Catharina aguentava as dores em pé, com as costas achatadas de encontro á parede fria, e as mãos cruzadas sobre o ventre enorme.

— Que é isso? Tenha coragem, D. Henriqueta! disse a parteira, fazendo soar as palavras sonoramente.

— Não tenho nada! saia d'ahi! a senhora não sabe o que eu soffro!

— Ora! não tenho eu um filho? Enão passam todas as mulheres por isso mesmo?

— Não! isto é castigo! eu vou morrer! eu sei que vou morrer! merêço a morte!

-- Qual morrer! veja allí a Catharina como espera com tanta paciencia.... castigo o que! daqui a dias chega o seu marido do Rio Grande e ha de ficar todo babão com o seu bebê!

— Qual marido! eu menti! não tenho marido! eu quero-me confessar, porque vou morrer!

A parteira calou-se, attonita.

— Eu tambem já não tenho marido.... murmurou a Catharina, queixosamente. Morreu a tres mezes de febre amarella...

— Vê D. Henriqueta? Aquella tambem já não tem marido....

— Mas não tem medo!

— Tenho medo de não ter leite para criar meu filho!...

— Ouve o que ella diz? e a senhora é

rica, poderá ter uma ama para a sua creança, objectou a parteira.

— De que me vale, se o pae me abandonou e eu não tenho coragem de voltar para perto de minha boa mãe?...

— Eu já não tenho mãe, e vi morrer tres filhos! Tenha paciencia.... tornou a Catharina, torcendo-se de dores.

— Não tenho paciencia! gritou a outra; e calou-se. Eu já não posso ouvil-as! Quero dizer tudo! Peço lhe, Mme. Levy! se eu morrer, vá a casa dos meus parentes, que me mandaram para aqui.... Diga-lhes que escrevam a minha mãe participando a minha morte... mas que não inventem outra causa... tistica, ouviu?

Mme. Levy riu-se e tagarellou, affirmando que ainda haveria de ver a vovó beijar alli mesmo, naquelle quarto, o rosto redondo do netinho.

— Minha mãe não me perdoará!

— Todas as mães perdoam, soluçou a Catharina.

— Quando eu sahi de casa, disse que vinha passear e ver o Rio... mas vim para esconder o meu crime! o meu crime! E os meus parentes, com quem contava, metteram-me aqui... para se livrarem de mim.... infames! Todos são falsos!

— Quando meu marido morreu, fiquei só no mundo... é preciso não se querer mal a ninguém. Ha sempre quem nos ampare!

A parteira zangou-se. D. Heñriqueta cahira em um accesso nervoso, debatendo-se com furia.

Só depois de uma hora conseguiram deital-a.

Era uma moça formosa, muito delicada e franzina. A enfermeira da casa ajudava a parteira, segurando na doente, que mal podia conter.

A Catharina, que tinha, apesar de muito magra e mal tratada, os seus largos quadris de mulher fecunda, mordia em silencio a ponta do lençol, abafando os gritos, já deitada tambem por ordem da parteira. A outra gritava, gritava, segurando-se nervosamente a

enfermeira, maldizendo-se, repetindo a sua historia, desvendando o mysterio de seu amor.

A' meia noite, depois de uma lucta tremenda com a natureza brutal, nasceu o filhinho da pobre D. Henriqueta.

Mme. Levy levantava-se extenuadissima, com o recém-nascido nos braços; quando a Catharina pediu soccorro, num grito estridulo e doloroso.

A enfermeira riu-se. Nunca se vira cousa igual! Antes de acudir á Catharina, Mme Levy enrolou o filho de D. Henriqueta num cobertor, aos pés da cama, e mandou a enfermeira buscar lá fóra um objecto. Depois, gemendo de cansaço, curvou-se para a indigente.

Foi com um movimento de extrema fadiga que a parteira, acabando tambem de fazer o parto da outra, e já extenuada, quasi sem vista, enrolou o filho da indigente no mesmo cobertor vermelho em que já estava a creancinha, e sentou-se um bocado, com as mãos no ar, esperando a enfermeira.

— Ambos rapazes.... bem. Ao menos estes não passarão nunca por tão bons bocadinhos. Então, agora está contente? perguntou ella alto, voltando-se para a D. Henriqueta. Deve estar! Eu mesma vou escrever a sua mãe. A senhora é rica, poderá até ir viver com o seu filho no estrangeiro, onde ninguem a conhece... e então me dirá se é ou não é feliz, hein? vamos para Pariz? Verá como aquillo é bom... Olhe, o que não é bom, é o cansaço que eu tenho, estou morta de dôres! Quer que eu escreva a sua mãe? Que me diz?

A moça não respondeu.

— Dorme?

Mme. Levy curvou-se e escutou. Não lhe ouvindo a respiração, approximou uma vela da cara da moça. Estava morta.

— Ora esta!

O corpo delgado e branco da infeliz repousava serenamente. Porque e como se tinha escapado aquella vida?

Mme. Levy chamou logo gente e exigiu medicos. Queria que a esclarecessem. O parto tinha sido difficil, mas natural. Houve um

grande borborinho. A enfermeira, num canto lavava as duas criancinhas na mesma agua, ajudada por uma preta, misturando as camisolas e os cueiros.

Mme. Levy estava louca de raiva contra aquelle caso esquisito, que não sabia explicar! Entrava e sahia do quarto, fallava alto, queria passar a casa a outra tola, que se regalasse com aquellas scenas! morrer-lhe uma creatura nas mãos! sem causa... sem nada! No meio daquelle turbilhão de palavras, ouviu-se a voz triste da indigente Catharina rezar pela morta uma *Ave Maria* e dizer depois:

— Mme. Levy?... mostre-me o meu filho, sim?

— Seu filho? mas...

A parteira parou de repente e poz-se a olhar para as crianças. Houve um instante de silencio.

— Então, Mme. Levy?

— As crianças estão promptas, disse a enfermeira, approximando-se.

— Mostre-me o meu! supplicou a Catharina!... Qual é o meu, Mme. Levy?!

— O seu... espere...

— A senhora vacilla?

— Sim.... deixe-me reparar bem... e, depois de uma pausa, disse : qual destes será o della?

A enfermeira encolheu os hombros.

— Meu Deus! eu quero o meu filho! o meu filho!

Catharina quiz levantar-se e exclamava sempre, com as mãos postas :

— O meu filho! o meu filho! eu quero o meu filho! Dê-m-me o meu filho!

-- Perdoe-mê, mulher; mas eu estava tão cansada... espere...

— O meu filho! Pelo amor de Deus, madame, lembre-se!

— Espere... já lhe disse!...

Catharina tinha as mãos crispadas, e olhava como doida para as duas creanças redondinhas e inertes.

A parteira, por mais esforços que fizesse, não distinguia as creanças.

Eram ambas morenas, ambas cabelludi-

nhas, ambas rapazes, ambas com as feições inchadas e confundíveis dos recém-nascidos.

Por fim, para acabar com aquillo, madame Levy resolveu-se a apontar um dos pequeninos.

— O seu... é este.

Mas a pobre Catharina adivinhou a resolução da parteira. O coração saltava-lhe no peito.

— A senhora mente... eu bem vejo que não sabe qual é o meu... e eu quero o meu... e eu quero o meu... o meu... o meu...!

A scena prolongou-se horivelmente; mostraram por fim as duas creanças á Catharina, dizendo-lhe: “Veja para qual a impelle o seu coração!”,

O olhar da infeliz ia desvairado, de uma creança para a outra. O suor humedecia-lhe a testa, correndo em gottas frias; ouvia-se-lhe o coração bater no peito magro. Não conhecia o filho.

A enfermeira lembrou então com a brutalidade de sua ignorancia:

— Tire á sorte... todos somos eguaes!

— Não! eu quero o meu filho?

— Então decida-se!... para se mandar o outro para a roda... é tarde... vamos!

A indigente revolveu-se com desespero; as fontes latejavam-lhe; ella pasmou depois o olhar, como perscrutando o seu triste e desamparado futuro... pobre... fraca e viuva...

— Então? tornou a parteira, já zangada qual das duas creanças toma? Decida-se!

— As duas... murmurou por fim Catharina com um suspiro, abrindo os braços magros.



L'embarras du choix

Estou correcta.... unhas polidas, cabelo frisado... dentes bem claros... deixa-me agora vestir o meu vestido de rendas brancas.... O de rendas ou o azul? Alberto gosta de me ver de azul... mas... não; eu hoje prefiro o de rendas; a renda é o que, decididamente, a moda inventou de mais elegante e seductor para as nossas *toilettes*... Rendas brancas ou rendas negras, que coisa ha mais distincta? E, é verdade, por que não me hei de vestir de preto? Tenho ali aquelle bello ramo de cravos vermelhos para o cinto... mas o preto é luctuoso e eu estou contente! Depois... Alberto não gosta de me ver de escuro... Vá lá, visto mesmo o.... realmente não sei qual me irá melhor!... Carolina!

— A senhora chamou ?

— Sim; olha cá, qual é o vestido que na tua opinião me vae melhor ?

— Oh ! minha senhora, eu não sei... todos lhe vão bem.

— Não é isso que eu pergunto, mas qual entre todos é mais elegante ?

— O encarnado vae-lhe a matar...

— Não, não ! o encarnado é muito vistoso... tem uma côr grosseira...

— Então o azul !

— O azul ?...

— Se a senhora quer que lhe falle com franqueza, eu ainda gosto mais do cinzento.

— Esse está muito usado.

— Então o cor de rosa.

— E' improprio...

— O roxo ?

— Tem as mangas muito estreitas !

— Nesse caso... só se a senhora vestisse o bordado.

— Qual é ?

— O que tem muitos vidrilhos.

— Ah ! não ! é muito pesado.

— Pois não sei qual ha de ser... E' verdade! o preto!

— O preto é triste. O dia está lindissimo e quente. Quero um vestido leve. Não te lembras de outro?

— Lembrei-me mesmo neste momento do de xadrez!

— Ora! um vestido de viagem!

— Sim... mas é bonito.

— Outro!

— O havana.

— Não me falles em vestidos de lã!

— Ah! a senhora quer de seda!... O riscado? »

— Não!

— O creme?

— Não!

— Eu.... sim; elles são tantos!

— Por que não citaste o branco de renda?

— E' exacto. E' verdade que....

— Que, o que?

— Que é.... que não tem lá muita graça....

E depois, não sei, parece-me improprio.... a senhora é viuva....

— Basta! não lhe perguntei isso; vá-se embora. Espere! veja que horas são.

— Quatro e meia.

— Tão tarde!..... Chegue depressa á casa de Mme. Clemence, e diga-lhe que venha immediatamente fallar-me.

Bem, enquanto a criada vai chamar a modista, deixa-me escrever ao Alberto.

“ Meu Alberto.— Uma enxaqueca importuna obriga-me a estar hoje só: venha jantar commigo depois d’amanhã. -- Sua, *Mathilde.* ,,

Maldito dia! D’aqui a uma hora eu estaria tão alegre ao lado d’elle! A que miseria cheguei..... não ter um vestido que vestir! Aquella idiota da Carolina acha desgracioso o de rendas..... Por que hei de eu dar importancia á opinião de uma criada?! estúpida! o que é certo, é que o vestido é lindo! diz a tola que não é proprio..... e é talvez por isso que eu não o visto. Ha singulares aproximações, muitas vezes, dos espiritos brutos com

os espiritos finos. Pòde ser que Alberto não goste tambem de me ver com vestido branco.... todo branco! E' a côr das noivas... das virgens.... a côr immaculada, e eu sou viuva!

Sou viuva, mas tenho vinte annos, e não amei nunca o homem com quem me casaram....

Esta formula de: " com quem me casaram ,, é já muito gasta.... terei o cuidado de não dizer assim deante de Alberto. A verdade é que, só agora é que eu sinto uma alvorada no meu coração, é que raiou no meu peito o bemdicto sol do amor! Sou viuva! mas, que importa? sou moça, amo, sou feliz e gosto de me fazer bonita.... Depois, não quero ser hypocrita; acabou-se! Guardo as cores sombrias para quando tiver setenta annos. Aos vinte, quando se é rica e venturosa, devemos mostrar na *toilette* as cores que temos n'alma!

Estou farta de ouvir que: a obrigação da mulker na sociedade é ser bella. Bella sem affectação.... pelo menos aparentemente. Ora eu tenho olhos brilhantes, faces rosadas, ca-

bellos côm de ouro, estou na plena juventude, e só porque sou viuva hei de andar de negro como os corvos, eu que amo as flores e a volubilidade como os irisados colibris?!

O maçador do meu padrinho dizia sempre na sua abominavel rhetorica :

— “ A sociedade ! palavra terrivel e complexa, onda negra feita de preconceitos, odios e invejas, que anda a rolar por este mundo, em toda a parte igual, sem lavar nunca os corações viciosos e ennodando sempre as reputações innocentes ! ”

Dizia-me isto aconselhando-me todavia a que a respeitasse. Mas meu padrinho morreu, e hei de eu, que detesto a tal sociedade, pertencer-lhe exclusivamente, dar-lhe satisfação dos minimos actos da minha vida, pol-a ao corrente do que vejo, do que penso, do que faço?! Hei de, para satisfazel-a, enfronhar-me sempre em preto roixo ou *marron*, usar chapéos modestos, de cores tristes? E será com isso que lhe hei de grangear attenções e respeito? Uma *toilette* clara, um chapéo de fórma audaciosa bastarão para quebrar-me o pedestal

em que a honra da minha familia me collocou? E serei eu tão tola, que me curve a essas miudezas e me submetta a tão parvos preconceitos? Por Deus; não! A moda foi inventada para o capricho das mulheres, e eu sou caprichosa! A minha tia Gertrudes dizia que eu era a futilidade ligada á indecisão! Mas a tia Gertrudes era uma solteirona, chegada ao tempo em que o methodo e a commodidade constituem os unicos prazeres da vida! Por isso, vi-a sempre usar as mesmas cores e os mesmos chales; só para não se dar ao trabalho de escolher outros! Pobre tia! Censurava-me por eu gostar de alcaparras, espargos e trufas, precisamente porque o seu estomago doente não lhe permittia comel-as tambem! Oh! não quero chegar a velha. A velhice è uma degradação, desde que não nos fique um pouco de espirito! A tia Gertrudes, coitada, não lhe ficara nem siquer a bondade, que è tambem, depois do espirito, o unico perfume que nos póde attrahir para os velhos! Ella não sabir perdoar!

Neste mundo quem não sabe perdoar não pode ser bem querido; todos peccamos, precisamos todos de indulgencia! Ah! tia Gertrudes! se do outro mundo tu me vês, fica sabendo que a indecisão passou, desde que se não trate de escolher *toilette* para agradar a Alberto; mas, que o que tu denominavas futilidade.... isso quero eu commigo, enquanto tiver dinheiro e amor aos *trapos*, como intitulas os meus mais ricos vestidos!

Sinto passos..... lá vem a Clemence!

— Obrigada por ter vindo tão promptamente: mandei chamal-a para perguntar-lhe se me póde fazer um vestido para amanhã.....

— Oh! oui, de que côr e que *étoffe*?

— Côr e fazenda novas!

— Verde?

— Já tenho.

— *Violet*?

— Já tenho!

— Torre Eiffel?

— Já tenho.

— *Chaudron*?

— Já tenho!

— Cizento?

— Já tenho!

Tenho de todas as côres e de todos os feitios; quero que me invente uma coisa nova completamente nova! que seja eu a primeira a usar... comprehendeu bem?

— *Parfaitement!* ah! eu servirei madame! Vestido de tulle heliotrope, enfeitado de fitinhas estreitas, verdes....

— Que disparete!

— *Non gosta? ah! est très gentil!*

— Deus meu! não me comprehendeu! Mme. Clemence! Eu tenho o espirito insaciavel em questões de modas! Tudo que haja ha dois dias já não me serve! Uma *toilette* original, Mme. Clemence! uma *toilette* nova, novissima! Invente!

— Em que genero quer?

— Ora, em que genero!

— *Bien! je sais!* amanhã as quatro horas *du soir* eu mando trazer seu vestido Mme. ha de ficar *très* contente! *au revoir!*

— Mme. Clemence, adeus!

— Carolina!

— Minha senhora?

— Que horas são?

— Quatro.

— Mme. Clemence ainda não mandou o vestido?

— Acaba de chegar.

— Dá-m'o cá.... já o viste?

— Já....

— Que côr tem?

— Tem uma côr assim.... como a de seus cabellos!

— E' loiro?!

— E'.... eu não sei.... veja-o, minha senhora, olhe, aqui o tem!

— Decididamente a Clemence está doida!

Que uniformidade horrorosa! Tens razão, Carolina, é quasi da côr dos meus cabellos!

Dá-me o espelho! Perfeitamente! é de um amarello *cendré*!.... Onde foi o diabo da mulher inventar semelhante côr!?

— Pois olhe! hontem, quando a senhora lhe disse que inventasse ella uma côr, eu julguei isso impossivel! O que as francezas não façam, é certo que ninguem mais fará!

— Cala-te! Devolve-lhe o vestido.... está muito carregado! Da-me agora o meu de rendas, o branco, e o adereço de perolas....

As rendas e as perolas são, decididamente, o que a moda inventou de mais seductoramente galante para o nosso uso!

— Aqui està tudo, minha senhora! Mando então o outro vestido á modista?

— Não, não, deixa-o; os vestidos nunca são demais!







